



ROMANTHIS

História, Arte, Cultura e Património do Romantismo



TÍTULO

ROMANTHIS – História, Arte,
Cultura e Património do Romantismo
N.º 3, 2024

COORDENAÇÃO

Francisco Queiroz
DIRECTOR

Cristina Moscatel
DIRECTORA ADJUNTA

revista@romanthis.pt

www.romanthis.pt

CONSELHO CIENTÍFICO

Alexandra de Carvalho Antunes

Ana Pessoa

Carlos Caetano

Cristina Moscatel

Francisco Soares

Francisco Queiroz

Gonçalo de Vasconcelos e Sousa

Inês Thomas Almeida

Isabel Albergaria

Isilda Braga da Costa Monteiro

Jorge Ricardo Pinto

José Manuel Lopes Cordeiro

José Pedro Tenreiro

Marize Malta

Pedro Urbano

Sandra Leandro

PROPRIEDADE

HistóriaSábias – Associação Cultural
Ilha de São Miguel, Açores

DESIGN EDITORIAL

Diana Vila Pouca

APOIO À REVISÃO

José Eduardo Reis

ISSN

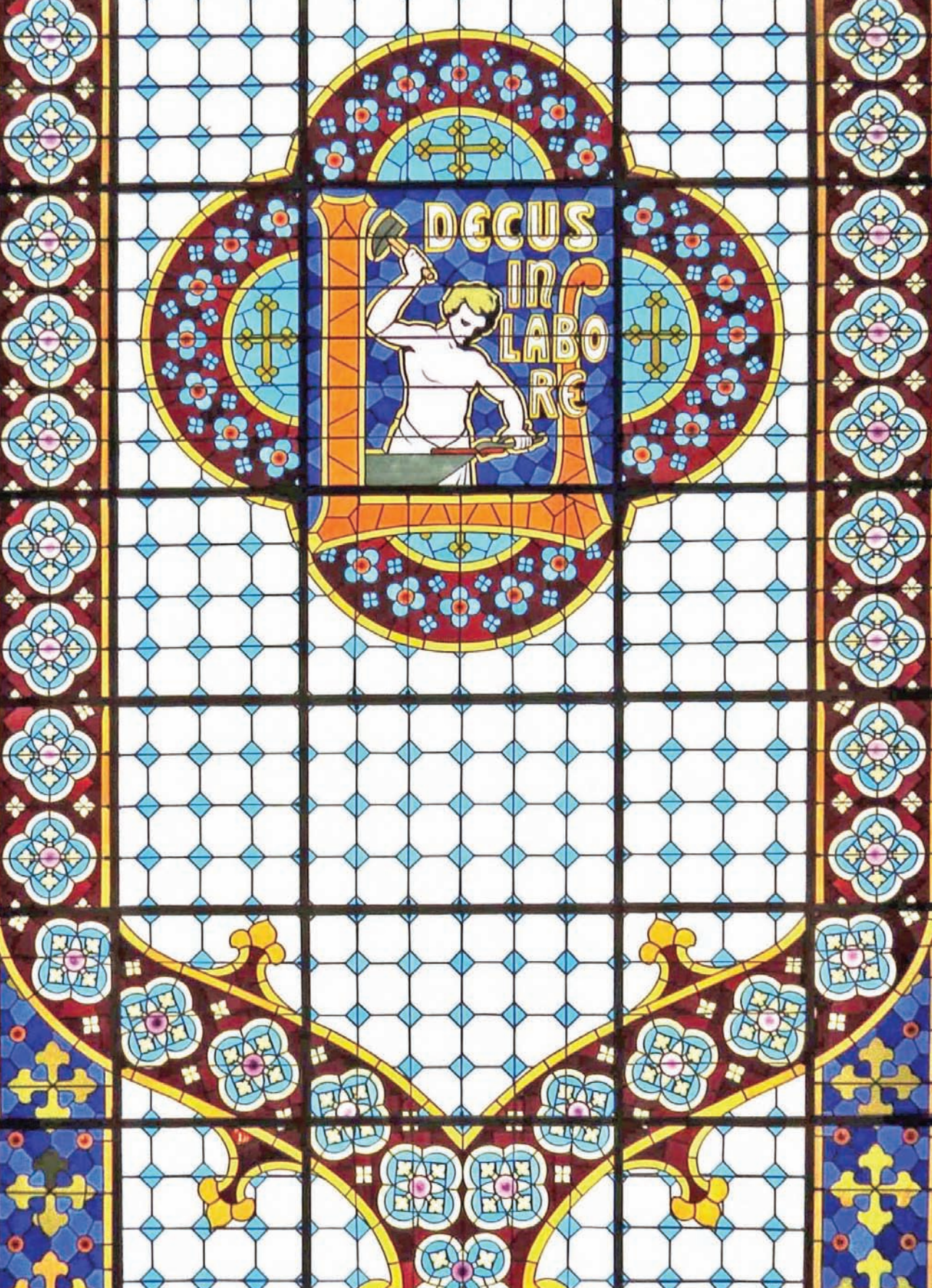
2975-8106

A RomantHis é uma revista científica digital de acesso aberto sobre o Longo Século XIX no Mundo Português, entendido num sentido lato, enquadrando quatro grandes vertentes: História, Arte, Cultura e Património. A revista é propriedade da HistóriaSábias – Associação Cultural, estando ligada ao Grupo "Saudade Perpétua".

Todos os artigos publicados foram objecto de revisão científica anónima. O conteúdo dos artigos é inteiramente da responsabilidade dos autores, incluindo a selecção das imagens e a indicação dos respectivos créditos, assim como a norma ortográfica adoptada.

© Os direitos dos artigos contidos nesta publicação periódica pertencem aos respectivos autores, sendo vedada a reprodução não autorizada de textos e imagens, ao abrigo da legislação em vigor.

- 04 Francisco Queiroz e Cristina Moscatel
***O «Livro íntimo» de Julián Martínez (1833-1907),
ou as agruras do ofício de pintor retratista***
-
- 120 António Francisco Arruda Cota
***O interior das habitações de veraneio nas estâncias balneares dos arredores
de Lisboa, no terceiro quartel de Oitocentos: as estadias do Rei D. Fernando II
de Portugal e da Condessa de Edla em Caxias***
- 180 Nuno Borges de Araújo
Um fotógrafo amador esquecido: João da Silva Carvalho, c. 1860-1863
- 210 Maria de Aires Silveira
Paisagens de horizontes longínquos: Maria Guilhermina da Silva Reis (1825-1885)
- 240 José Pedro de Galhano Tenreiro e Francisco Queiroz
Gerard van Krieken (1864-1933): percurso e actividade artística em Portugal
- 294 Nuno Saldanha
***O Construtor / Engenheiro Naval Manuel Luiz dos Santos (act. 1796-1870),
nos estaleiros de Pernambuco, Porto e Lisboa***
- 316 José Augusto Maia Marques
Revista dos Acontecimentos da Maia / Revista da Maia (1882-1886)
- 346 Rafaela Ferraz
***O Antropólogo Francisco Ferraz de Macedo (1843-1907):
Contributos para uma biografia***
-
- 360 Joaquim Melon Simões
***Francisco Inácio dos Santos Cruz (1787-1859):
o presidente do Conselho***



DECUS
IN
LABORE

Gerard van Krieken (1864-1933): percurso e actividade artística em Portugal

José Pedro de Galhano Tenreiro¹

Francisco Queiroz²

Resumo

Gerard van Krieken (1864-1933) teve trajectória e contribuições de destaque em Portugal, no contexto do ensino artístico, das artes aplicadas e da arquitectura, na transição de Oitocentos para Novecentos. Tendo nascido nos Países Baixos e vivido na Suíça francófona sensivelmente até aos 24 anos de idade, foi um dos artistas seleccionados, através de concursos realizados no estrangeiro pelo Governo português, para integrar os quadros docentes do ensino industrial. Chegou a Portugal em 1889 e começou a leccionar na Escola Industrial de Chaves. Transferiu-se posteriormente para Leiria e, em seguida, para a Escola Industrial Infante D. Henrique, no Porto, como professor de Desenho Ornamental e Modelação – área disciplinar na qual se especializara em Genebra. Neste mesmo domínio, foi também um dos professores da Escola de Arte Aplicada Soares dos Reis. Gerard van Krieken desempenhou igualmente um relevante papel como projectista, sendo-lhe atribuídos projectos nas regiões de Alcobaça, e do Porto. Nesta cidade, participou em diversas obras, no domínio das artes aplicadas, destacando-se: a construção da Livraria Lello & Irmão (com projecto do engenheiro Francisco Xavier Esteves), e a remodelação das casas do Visconde de São João da Pesqueira, cujo projecto é do próprio Gerard van Krieken. No final da sua vida, foi ainda encarregado do projecto da Basílica de Fátima. Gerard van Krieken destacou-se, sobretudo, pela complexidade dos desenhos que elaborava para os seus trabalhos, desde o estuque ao cimento moldado, passando pelo mobiliário, pelos vitrais, ou pela ilustração gráfica.

¹ Investigador do CITAD – Centro de Investigação em Território, Arquitectura e Design, da Universidade Lusíada. Doutoramento em Arquitectura, ramo de Teoria e História, pela Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa.

² Doutor em História da Arte pela Universidade do Porto. Investigador colaborador do CEPESE e do ARTIS – IHA/FLUL.

Palavras-chave

Artes Decorativas; Arquitectura; Porto; Alcobaça; Fátima.

Abstract

Gerard van Krieken (1864-1933) had a relevant trajectory and contributions in Portugal, in terms of artistic education, applied arts and architecture, in the late 19th century and the early 20th century. Born in the Netherlands, he lived in French-speaking regions of Switzerland until the age of 24. He was then one of the artists selected, through competitions held abroad by the Portuguese Government, to join the teaching staff of the industrial schools. He arrived in Portugal in 1889 and began teaching at the Industrial School of Chaves. Later on, he moved to Leiria and then to the Infante Dom Henrique Industrial School, in Oporto, as a teacher of Ornamental Design and Modeling – an area in which he had specialized in Genève. In this same field, he was also one of the teachers of the Soares dos Reis School of Applied Art. Gerard van Krieken also played an important role as an architect and designer, with some known projects in the Alcobaça and Oporto regions. In this city, he participated in several works, in the field of applied arts, such as the construction of the Livraria Lello & Irmão (within a project directed by the engineer Francisco Xavier Esteves), and the remodeling of the houses of Visconde de São João da Pesqueira, whose project was by Gerard van Krieken himself. At the end of his life, he was also in charge of the Fátima Basilica project. Gerard van Krieken stood out, above all, for the complexity of the designs he created for his works, from stucco to molded cement, including furniture, stained glass, and graphic illustration.

Key-words

Decorative Arts; Architecture; Porto; Alcobaça; Fátima.

No contexto do ensino artístico, das artes aplicadas e da arquitectura da transição de Oitocentos para Novecentos, o papel dos artistas oriundos do estrangeiro tende a assumir destaque pela sua acção dinamizadora da cultura portuguesa da época. Para tal contribuíram as diversas reformas do ensino industrial e, em particular, aquelas realizadas pelo ministro Emídio Navarro, as quais determinaram a abertura de concursos no estrangeiro em 1888 e 1889, através das legações em Bruxelas, Viena, Paris, Berlim, Roma e Berna, no sentido de contratar ali os professores em falta para diversas novas escolas nacionais³. Foram, então, contratados mais de trinta e cinco cidadãos estrangeiros, entre os quais pontua Gerard van Krieken, escolhido no domínio do desenho decorativo, sobre quem são já conhecidas algumas referências dispersas relativas à sua actividade docente, artística e projectual⁴. Contudo, sobre a sua figura não temos um conhecimento tão estruturado como aquele que existe sobre alguns colegas seus contemporâneos, tais como Ernesto Korrodi (1870-1944) ou Leopoldo Battistini (1865-1936), por exemplo. O primeiro, natural da Suíça, além de professor exerceu ampla actividade no domínio da arquitectura um pouco por todo o país, tendo tido a sua própria oficina de cantarias em Leiria⁵. Korrodi assumiu uma importante projecção nacional com a proposta de restauro que fez para o Castelo de Leiria, cujas obras conduzirá durante vários anos. Foi agraciado com o Prémio Valmor, tendo-lhe sido concedido em 1926 o título de arquitecto por parte do Governo Português, em reconhecimento pela sua proficua actividade. Quanto a Battistini, italiano de origem e pintor de profissão, assumiu maior destaque como ceramista e como director artístico da Fábrica Constância⁶. Em complemento à actividade como professor, também ele deixou obras por todo o país, tendo concebido painéis de azulejos para numerosos edificios públicos, alguns dos quais, sendo estações ferroviárias, tornaram-se bastante familiares junto da população. Não obstante assumir um perfil mais discreto, Gerard van Krieken teve percurso e actividade profissional dignos de menção, além de relevo na cultura e no panorama das artes aplicadas do Porto, cidade onde fixou residência.

³ COSTA, Mário Alberto Nunes da – *O Ensino Industrial em Portugal de 1852 a 1900 (Subsídios para a sua História)*. Lisboa, Academia Portuguesa de História, 1990, p. 176.

⁴ Os autores expressam a sua gratidão a Jorge van Krieken, bisneto do biografado, pelas diversas e valiosas achegas e correcções.

⁵ Existem já diversas publicações sobre Ernesto Korrodi. Veja-se, a propósito, QUEIROZ, José Francisco Ferreira – “A oficina de cantarias de Ernesto Korrodi”, in *Cadernos de Estudos Leirienses*, Vol. 3, Textiverso, Dezembro de 2014, p. 271-282.

⁶ Veja-se LÁZARO, Alice – *Leopoldo Battistini: Realidade e Utopia. Influência de Coimbra no percurso estético e artístico do pintor italiano em Portugal (1889-1936)*. Coimbra, Câmara Municipal de Coimbra, 2002.



FIGURA 1 · Retrato de Gerard van Krieken (gentileza de Jorge van Krieken).

Op heden den *Dersten* September Achtien honderd *11:2902*
 Vier en Zestig, is voor mij Ambtenaar van des Burgerlijken Stand van Rotterdam, in
 het huis der Gemeente, verschienen:

Cornelis Antonie van Bousekom Verwyt
 van beroep *kleen onroermeester*, oud *acht en vyftig* jaren, wonende
Leunepaden 3-54 welke mij heeft verklaard dat op den
oorspronkel 13-1876 *20:01* middags ten *ren* ure,
 is geboren een kind van het *mannelyk* geslacht, uit *Caroline*
 van beroep *konst* wonende *adaar*, huisnummer
van Willem Gerardus van Krieken
onderwyser, onbewoond *adaar*, *zinde door*
ongekertheid verhinderd de aangifte in persoon
 te doen welk kind zal genaamd worden *Gerardus Samuel*

De genoemde verklaring is geschied in tegenwoordigheid van *Pieter van*
den Brande van beroep *pakhuusknecht* oud *deftien*
 jaren, wonende *Stalkade 13-147* en van *Gerard*
Verbee van beroep *pakhuusknecht* oud *acht en veertig*
 jaren, wonende *Goudkiesingel 13-209*
 En heb ik hiervan deze akte opgemaakt, welke na voorlezing door
 de declarant getuigenen mij is onderteekend.

Spoorbrand *Stelmijk*
G. K. van *Hoffman*

Generaalsecretar
 J. de Vries
 Wel 20 Juni 1914
 Stalkade 229

FIGURA 2 · Registo de nascimento de Gerard van Krieken
 (Burgerlijke Stand Rotterdam, geboorteakten, Rotterdam, archive 999-01, folio 132v.).

Gerardus Samuel van Krieken nasceu em Roterdão a 29 de Agosto de 1864. Era filho de Willem Gerardus van Krieken, de nacionalidade holandesa, e de Sophie Caroline Rosset, suíça residente em Avenches, no cantão de Vaud – localidade onde ambos casaram a 12 de Dezembro de 1860. Após os seus estudos iniciais em Berna, Gerardus faz o percurso liceal em Genebra, frequentando posteriormente a Escola das Artes Industriais daquela cidade (*École des Arts Industriels de Genève*), a Escola Municipal de Belas Artes (*École Municipale des Beaux-Arts*) e ainda a Escola de Arte Aplicada à Indústria (*École d'Art appliqué à l'industrie* ou *École spéciale d'Art appliqué à l'industrie*), tendo concluído os seus estudos em 1887.

Em Genebra, a Escola das Artes Industriais iniciara as suas actividades pouco mais de uma década antes, em 1876. Gerardus Samuel van Krieken foi certamente um dos seus primeiros alunos. Durante o último quartel de Oitocentos, o cargo de secretário-inspetor da escola foi desempenhado por Louis Henri Becherat-Gaillard (1850-1925), que se envolveu particularmente na promoção da instituição. À época, a escola assumia destaque maior pela sua oficina de modelos artísticos em gesso (*moulages en plâtre*) e, em particular, pelas reproduções de peças antigas e sua distribuição. Para o efeito, foi particularmente relevante a acção de Becherat-Gaillard, que viajava regularmente até Paris de modo a prover a escola de exemplares, obtidos em inúmeros ateliers da especialidade⁷. O ensino da modelagem em gesso era igualmente área disciplinar de destaque nas duas outras supramencionadas escolas frequentadas por Gerard van Krieken. Na Escola Municipal de Belas Artes, desde 1826 que existia um curso de modelagem⁸. A partir da década de 1870, este curso foi ministrado pelo medalhista e escultor Hugues Bovy (1841-1903). O sucesso obtido levou à criação, em 1873, de um curso de cerâmica, subsidiário daquele, por iniciativa de Barthélémy Menn (1815-1893), tendo como professor titular Elysée Mayor. Também na Escola de Arte Aplicada à Indústria existia uma aula de modelagem, a par de outras de desenho artístico, de desenho geométrico, de perspectiva e de anatomia artística, de composição decorativa, de pintura a óleo, além da aula de gravura profissional⁹.

⁷ VERSACE, Benoît – «Les moulages de l'École des arts industriels de Genève: une collection de référence pour le développement des arts en Suisse», in *Revue du réseau suisse de l'historicisme / Zeitschrift des Schweizer Netzwerks für Historismus: Historismus.ch*, n.º 2, 2021, p. 32-33, 39.

⁸ BAUD-BOVY, Daniel – «L'École des Beaux-Arts de la Ville de Genève», in *Jahrbuch für Kunst und Kunstpflege in der Schweiz / Annuaire des Beaux-arts en Suisse*, n.º 1, 1913-1914, p. 401.

⁹ D., A. – «Chronique neuchâteloise», in *Éducateur et bulletin corporatif: organe hebdomadaire de la Société Pédagogique de la Suisse Romande*, n.º 17, 1.er Septembre, 1889, XXV.e année, p. 269.

O tipo de formação que Gerardus Samuel van Krieken obteve viria a ser particularmente relevante para a sua actividade profissional em Portugal. Foi em 1888, perante a Legação Portuguesa em Berna, que Van Krieken se apresentou a concurso para os lugares de professor nas escolas industriais portuguesas, aberto por despacho de 18 de Dezembro, no contexto das mencionadas reformas do ministro Emídio Navarro. Foram admitidos então quinze concorrentes, para três áreas distintas, sendo Van Krieken classificado no âmbito da área do Desenho Decorativo, juntamente com Walter Müller, Joseph Biemann, Ernst Korrodi, e Baumgartner. Um ofício da Legação, de 14 de Maio de 1889, refere que o concorrente era “*talentoso e activo; bom desenhador e modelador*” sendo “*muito recomendado por Mr. Bécherat Gaillard, membro do jury*”¹⁰. Devido ao seu empenho neste concurso, o director da antiga escola de Gerardus Samuel van Krieken, Becherat-Gaillard, viria a ser agraciado com a Comenda da Ordem de Cristo¹¹, nesse ano de 1889, por proposta do Ministério dos Negócios Estrangeiros¹².

Chegando a Portugal em 1889, o nosso biografado usou o seu nome próprio na forma abreviada Gerard, certamente por influência francófona, sendo ocasionalmente referido como “Gerardo”. Por sua vez, o apelido surge com frequência grafado “van Krieken”, “van Krieken”, “van Krieken”, “van Krieken”, e “von Krieken” – entre outras variantes. Gerard van Krieken ingressou ao serviço do Ministério do Reino a 15 de Agosto de 1889 e, ainda antes do início do ano lectivo de 1889-1890, a 8 de Setembro, foi nomeado para o lugar de professor de Desenho Decorativo da Escola Industrial de Chaves. É então dado como “*Van Rickon Gerard, suíço*”¹³. Com o precoce encerramento da escola flaviense, foi transferido para Leiria, em 15 de Novembro de 1891, passando a ocupar o lugar de professor de Desenho Ornamental na Escola Industrial Domingos Sequeira; isto no ano lectivo de 1891-1892¹⁴.

Se em Chaves esteve dois anos apenas, em Leiria residiu somente durante um ano. No entanto, terá sido por ocasião da sua curta estadia leiriense que Gerard van Krieken travou conhecimento com a influente família Oriol Pena, com a qual cruzar-se-ia diversas vezes nos anos seguintes, em termos profissionais e pessoais. Eram três

¹⁰ CARVALHO, António Cardoso Pinheiro de – *O arquitecto José Marques da Silva e a arquitectura no norte do país na primeira metade do século XX*. Tese de Doutoramento em História da Arte apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto, 1992, p. 187.

¹¹ O mesmo havia também sucedido com outros anteriores membros de júris, em concursos para lugares de professor nas escolas industriais portuguesas.

¹² *Diário do Governo*, 17 de Junho de 1889.

¹³ *Diário do Governo*, 1 de Janeiro de 1891 (apêndice).

¹⁴ *Diário do Governo*, 26 de Outubro de 1891.

os irmãos da família Oriol Pena com os quais Gerard van Krieken teve certamente contacto: Joaquim Xavier de Figueiredo Oriol Pena, casado com Maria do Carmo Raposo de Sousa d'Alte Espargosa; Francisco Xavier de Figueiredo Oriol Pena, casado com Maria da Nazaré Pereira Rino; e Maria de Jesus de Figueiredo Oriol Pena, casada com o irmão da sua cunhada, Bernardim Raposo de Sousa d'Alte Espargosa. Os três irmãos Oriol Pena tinham raízes familiares em Leiria, de onde era natural o pai, Inácio Xavier de Figueiredo Oriol Pena (falecido em 1876). Porém, devido ao casamento deste com Maria Teresa de Sousa Vadre de Santa Marta Mesquita e Melo (filha do 2.º Visconde de Andaluz), passaram a ter também interesses em Torres Novas. Os respectivos casamentos levaram os três supramencionados irmãos Oriol Pena a irem viver para diferentes locais. Joaquim Xavier Oriol Pena viveu em Lisboa durante vários anos, mas tinha uma importante casa de campo nos arredores de Leiria – a Quinta de São Venâncio – onde introduziu numerosos melhoramentos, nomeadamente uma importante renovação estética que viria a ser projectada por Ernesto Korrodi¹⁵. Quanto a Francisco Xavier Oriol Pena, embora tenha herdado a casa apalaçada da família no centro da cidade de Leiria, passou a viver em Alcobça com a mulher, que era de uma família influente nesta localidade mas oriunda da Batalha. Relativamente a Maria de Jesus Oriol Pena, apesar de ter morado em Lisboa com o marido, este era o dono da Quinta de Carvalhais, em Torres Novas. Maria de Jesus passou, pois, muitas temporadas nesta quinta. Profundamente religiosa, viria a ter papel de algum relevo nos inícios daquilo que viria a ser o santuário de Fátima e respectiva devoção.

Ora, foi precisamente na época em que Gerard van Krieken exercia como professor em Leiria que Francisco Xavier de Oriol Pena ergueu em Alcobça, na parte da Quinta da Gafa que recebera do sogro, João da Silva Ferreira Rino, um *chalet* de volumetria complexa, com avanço e recuo das fachadas, formando altas empenas triangulares rematadas por lambrequins e telhados de águas íngremes, aos quais se junta um torreão de planta circular e encimado por um coruchéu. A pouca distância, e numa parte da antiga Quinta da Gafa mais próxima do edifício do Mosteiro de Alcobça, José Pereira da Silva Rino, cunhado de Francisco Xavier Oriol Pena, edificou, entre cerca de 1891 e 1892 um palacete igualmente atribuído a Gerard van Krieken. Caracteriza-se pelo seu torreão de planta quadrangular encimado por um coruchéu e pelos seus telhados ritmados por lucarnas.

¹⁵ Sobre esta quinta e sobre o seu proprietário, o segundo autor deste texto conclui actualmente um estudo aprofundado, a publicar.



FIGURA 3 E 4 · Alcobça, Palacete Rino e localização deste *chalet* e do *chalet* Oriol Pena (postais antigos).



FIGURA 5 E 6 - Alcobça, Palacete Rino, detalhes (fotos de Francisco Queiroz).



FIGURA 7 E 8 - Alcobaça, *chalet* Oriol Pena (fotos de Francisco Queiroz)



FIGURA 9, 10 E 11 · Alcobça, detalhes decorativos do *chalet* Oriol Pena (fotos de Francisco Queiroz).

Estamos perante duas construções de características invulgares no contexto de Alcobça. Ora, os laços familiares entre os respectivos encomendadores e a construção quase simultânea de ambas as residências sustentam a hipótese de terem sido concebidas por um mesmo projectista, ainda que apresentem algumas características distintas. A residência de Francisco Xavier Oriol Pena é marcada pelas suas fachadas pouco ornamentadas na pedra. Apenas um corpo na fachada lateral poente, formando *bay-window*, apresenta elementos de cantaria lavrada mais exuberantes, representando motivos vegetalistas de desenho elaborado, avultando entre os elementos pétreos da restante edificação. Por sua vez, a residência de José Pereira da Silva Rino apresenta uma maior ornamentação nos seus elementos de cantaria lavrada, sobretudo presente nos remates superiores das fachadas e dos vãos, bem como sob os parapeitos das janelas, aqui novamente tomando desenhos de motivos vegetalistas. As diferentes cargas ornamentais de ambas as construções sublinham os seus modelos arquitectónicos distintos, sendo que a primeira assume carácter mais atípico que a segunda, notoriamente palaciana na sua composição. Por oposição à noção de “palacete”, o *chalet* assume frequentemente uma aparência mais doméstica e informal,

tomando por vezes volumetrias mais fragmentadas e ostentando não só uma menor componente ornamental em cantaria como também uma maior complexidade no desenho dos telhados e dos seus remates, destacados com elementos em madeira. Esta distinção encontra-se presente nas duas residências de Alcobaça, sendo inclusivamente sublinhada pelo papel dado às suas portas principais. Efectivamente, enquanto aquela do palacete Rino assume destaque maior perante os demais vãos do piso térreo pela sua maior largura e por se situar no torreão, sob a única sacada do piso superior, a sua congénere do *chalet* Oriol Pena apresenta uma posição discreta e é praticamente indistinguível das demais, diferenciando-se quase apenas pela sua escadaria de acesso e pela pequena marquise de ferro e vidro que a protege superiormente. Acresce o facto de o palacete Rino, ainda que não se situando à face da rua, ter sido projectado para uma relação mais estreita com esta.

Gerard van Krieken é ainda o presumível autor dos retratos em medalhão de estuque de “Tita” e “Zinha”, ou seja, Maria Benedita (nascida em Julho de 1888) e Maria Teresa (nascida em Julho de 1889), filhas de Joaquim Xavier de Oriol Pena, por sua vez irmão de Francisco de Oriol Pena, encomendador do *chalet* de Alcobaça.



FIGURA 12 · Medalhão com autoria atribuída a Gerard van Krieken e datado de 1892
(gentileza do Palácio do Correio Velho).

Contemporaneamente às duas residências de Alcobça, Bernardim Raposo de Sousa d’Alte Espargosa, marido de Maria de Jesus Oriol Pena Raposo e cunhado de Francisco de Oriol Pena, terá decidido edificar na sua Quinta de Carvalhais, em Riachos (município de Torres Novas), um *chalet* com algumas características semelhantes, facto que permite equacionar a sua eventual concepção por parte de Gerard van Krieken¹⁶. Bernardim Raposo de Sousa d’Alte Espargosa adquirira em hasta pública aquela quinta, penhorada em 1889 pela Companhia Geral de Crédito Predial Português. Por conseguinte, o seu *chalet* foi ali edificado em data posterior. Trata-se de uma edificação igualmente marcada por torreão, agora de planta octogonal, apresentando o telhado novamente lucarnas. As fachadas do *chalet* da Quinta de Carvalhais apresentam uma desornamentação semelhante à do *chalet* Oriol Pena, sem contudo assumir a mesma verticalidade, circunstância para a qual contribui o desenho dos seus telhados. Com efeito, em lugar dos lambrequins, o *chalet* de Riachos apresenta cornijas e telhados de menor pendente, aproximando-se daqueles observáveis no Palacete Rino. Apesar destas diferenças, as três residências assumem volumetrias semelhantes, com fachadas de dois pisos, águas furtadas e torreões.

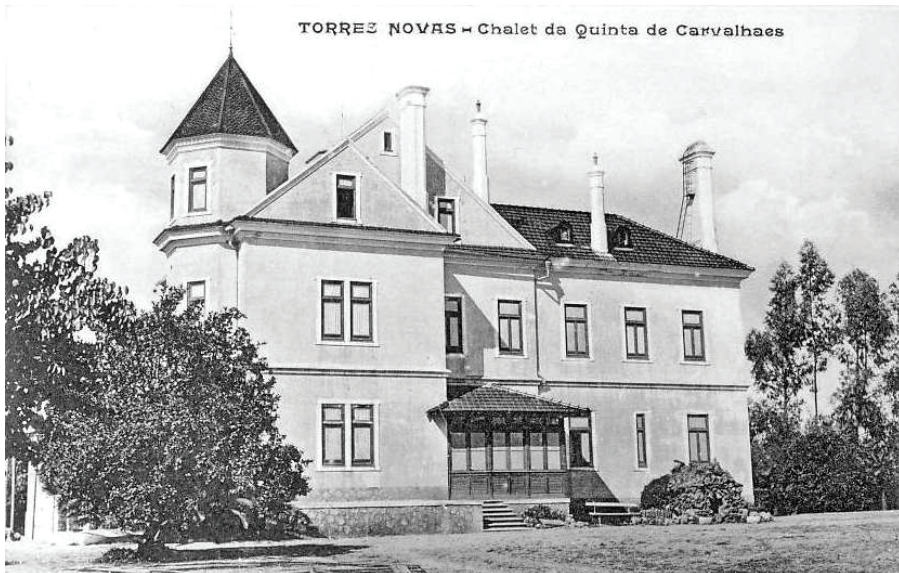


FIGURA 13 - *Chalet* da Quinta de Carvalhais (postal antigo).

¹⁶ MARQUES, João Luís (coord.) – *Carta do Património do Concelho de Torres Novas: Proc-557P/2020_Comp-13639/20*. Documento realizado no âmbito da revisão do Plano Director Municipal de Torres Novas: 30 de Dezembro de 2021, p. 156.

Em 15 de Novembro de 1892, já depois das aulas começadas em Leiria, Gerard van Krieken foi transferido para a Escola Industrial Infante D. Henrique, no Porto: era então necessário substituir Giuseppe Cellini (1855-1940), que, durante três anos, havia ali ensinado Desenho Ornamental, Ornato e Modelação, mas que abandonara a escola para regressar a Itália, não se tendo sequer apresentado no início desse ano lectivo¹⁷. É neste contexto que Gerard van Krieken fixa-se definitivamente no Porto. Durante vários anos, leccionou a referida disciplina de Desenho Ornamental e Modelação na Escola Industrial Infante D. Henrique¹⁸. Gerard van Krieken terá apenas interrompido a actividade lectiva no Verão de 1900, havendo notícia de se ter ausentado de Portugal, pois pediu uma licença de sessenta dias¹⁹.

Nesta altura, Gerard van Krieken mantinha um relacionamento amoroso com Crispina da Conceição Silva, de quem tinha duas filhas: Sofia e Maria Jorge. Atendendo à data de nascimento de Sofia, tudo levaria a crer que o relacionamento começara pouco tempo depois de Gerard van Krieken ter-se instalado no Porto. Porém, cremos que Gerard terá trazido Crispina com ele, de Leiria. De facto, num processo judicial posterior, o advogado de Crispina refere que Gerard tê-la-á conhecido em Leiria, “*n’um hotel onde ella estava a tractar-se de uma doença*”²⁰. Esta referência parece indiciar que Crispina era mulher de família abastada, mas não se tratava do caso.

Sofia, a já referida filha mais velha de Gerard van Krieken, nasceu no Porto a 19 de Dezembro de 1893. Foi baptizada na Igreja Paroquial de Massarelos a 20 de Março de 1894, como filha de Crispina da Conceição Silva, dada como solteira, doméstica, residente na Rua de Entrequintas, em Massarelos, e exposta da roda da Misericórdia de Lisboa, onde havia recebido o baptismo. Note-se que Sofia foi baptizada sem que, no respectivo registo, seja mencionado o nome do pai. Ora, estranhamente, o pároco deu Sofia como “*filha ilegítima*” e não como filha natural – como seria o mais correcto, atendendo a que os progenitores eram solteiros, embora não professassem a mesma religião. Os padrinhos de Sofia foram o Padre Francisco António Maria de Sousa e Alice Pereira, solteira, ambos moradores na Rua de Vilar²¹.

¹⁷ *Diário do Governo*, 1 de Janeiro de 1893 (apêndice).

¹⁸ *Diário do Governo*, 6 de Agosto de 1902.

¹⁹ *Diário do Governo*, 14 de Julho de 1900.

²⁰ ARQUIVO JUDICIAL DO PORTO (A.J.P.), Varas Cíveis, Acção especial de divórcio, Crispina da Silva Campos, Gerard van Krieken, n.º 114079.

²¹ ARQUIVO DISTRITAL DO PORTO (A.D.P.), Paróquia de Massarelos, Porto, Baptismos, 1894, n.º 53.

Quanto a Maria Jorge, ela nasceu a 22 de Julho de 1898, mas foi baptizada muito tardiamente, na Igreja de Miragaia, a 20 de Julho de 1900. O registo de baptismo já menciona o nome do pai, dando-a como filha natural de Gerard van Krieken e de Crispina da Conceição Silva – que no registo assina “*Crespina da Silva*” – sendo ambos então moradores na Rua do Triunfo. Os padrinhos de Maria Jorge foram: o Conde de Paçô-Vieira, Alfredo Vieira Peixoto de Vilas-Boas, casado, juiz, morador na Rua de Cedofeita; e Jorge Pinto da Silva, casado, proprietário, morador na freguesia portuense de Nevogilde²². Portanto, o relacionamento entre Gerard van Krieken e Crispina da Conceição Silva era já assumido em 1900, embora não fossem formalmente casados. O matrimónio de ambos foi celebrado somente a 16 de Abril de 1904, em Miragaia. A noiva é agora dada, não como Crispina da Conceição Silva, mas sim como Crispina da Silva Campos, recebendo do padre o tratamento de “Dona”. É de supor que tenha recebido educação de âmbito escolar por parte da Misericórdia de Lisboa – o que, aliás, é alegado vários anos mais tarde, no âmbito de um processo judicial²³ – embora a sua torpe assinatura e o uso da grafia incorrecta “Crespina” indicie pouco hábito de escrita ao longo da vida. Gerard van Krieken é então mencionado como morador na Rua do Triunfo, na freguesia de Miragaia. Seria certamente protestante, pois o seu casamento só foi possível devido a dispensa “*do impedimento de religião mixta*”²⁴. Crispina da Silva Campos tinha 34 anos quando casou, sendo cerca de seis anos mais nova que Gerard van Krieken. Deduz-se, pois, que Crispina tenha nascido em 1870. Vivia então com Gerard na Rua do Triunfo. Note-se que as testemunhas nomeadas no registo de casamento foram: o Visconde de São João da Pesqueira, que era praticamente vizinho do noivo, pois morava também na Rua do Triunfo, actual Rua D. Manuel II; e o já referido Joaquim Xavier de Oriol Pena, residente em Lisboa, na Rua de Santa Marta, que deu procuração ao também já referido Jorge Pinto da Silva (referido então como casado, proprietário, morador na Rua da Bela Vista, na Foz do Douro)²⁵.

Para o ano de 1870, há registo de duas expostas baptizadas pela Misericórdia de Lisboa com o nome Crispina. Uma delas morreu pouco tempo depois. Portanto, no incerto pressuposto de a idade mencionada aquando do casamento de Crispina da Conceição Silva estar correcta (pois, na época, ainda era habitual indicar-se uma idade aproximada, sem grande preocupação de rigor), a Crispina que nos interessa talvez seja aquela que foi baptizada a 1 de Janeiro de 1870. Recebeu esse nome na

²² A.D.P., Paróquia de Miragaia, Porto, Baptismos, 1900, n.º 65.

²³ A.J.P., Varas Cíveis, Acção especial de divórcio, Crispina da Silva Campos, Gerard van Krieken, n.º 114079.

²⁴ A.D.P., Paróquia de Miragaia, Porto, Casamentos, 1904, n.º 9.

²⁵ A.D.P., Paróquia de Miragaia, Porto, Casamentos, 1904, n.º 9.

os quaes todos se i
serem os proprios. E para
constar se lavrou em duplicado este assento, que, depois de ser lido e conferido perante
pai e os padrinhos comigo assignarao. Deulao
que pelai neste assento duas estas filhas de vossa
coisa uma de com reis que vao de dardament. E a outra
Crispina da Silva
J. van Krieken
bonje de Paris mira
Jorge Van de Krieken
O Alcade Joo Rodrigues da Costa

to e de Chrispina da Conceição Silva, solteira:
e Maria Jorge, nascida nesta freguesia de refi-
cuanga a vinte e dois do mes de julho do anno
de mil oitocentos e noventa e oito, e baptizada
a vinte e de julho do anno de mil e novecentos,
como filha natural dos referidos parentes. E pa-
ra constar se lavrou em duplicado este assento que
depois de ser lido e conferido perante os conjuges e tes-
taminhos, comigo assignarao. Deulao supra.
Crispina da Silva Campos
J. van Krieken
Visconde de S. João de Reguengo
Jorge Van de Krieken
O Alcade Joo Rodrigues da Costa

FIGURA 14 E 15 • Assinaturas de Crispina da Conceição Silva
(depois conhecida como Crispina da Silva Campos) e de Gerard van Krieken,
no registo de baptismo de Maria Jorge, em 1900,
e no registo de casamento, de 1904 (A.D.P.).

pia baptismal porque, à época, a Misericórdia de Lisboa seguia uma ordenação alfabética para atribuir nomes às muitas dezenas de crianças expostas todos os meses na capital. Por esse motivo, não foi respeitado o bilhete que acompanhava a bebé, no qual pedia-se para ser baptizada com o nome Ermelinda. Atendendo ao tipo de roupa que Crispina (Ermelinda) usava quando foi exposta, deduz-se que não seria proveniente de família muito pobre. O facto de ter vindo acompanhada de um escrito solicitando nome concreto de baptismo também permite supor que um dos progenitores (ou ambos) tinha a intenção de a ir buscar mais tarde. Porém, não encontrámos indícios de que tal tenha sucedido.

Por via do casamento de Gerard e Crispina, em 1904, as suas duas únicas filhas foram legitimadas. Contudo, o assento de baptismo de Sofia foi reformado somente em 9 de Agosto de 1909. Neste segundo assento de baptismo de Sofia volta a indicar-se a mãe como Crispina da Silva Campos, e não como Crispina da Conceição Silva²⁶. Quanto à reforma do assento de baptismo de Maria Jorge, ela data apenas de 21 de Janeiro de 1911, altura em que a mãe volta a ser mencionada como Crispina da Silva Campos²⁷. É possível que o apelido “Campos” corresponda a um dos progenitores, cuja identidade Crispina tenha passado a conhecer a partir dos inícios do Século XX, embora, nos registos paroquiais consultados, não sejam revelados quaisquer indícios sobre a filiação da consorte de Gerard van Krieken.

Voltando à actividade artística de Van Krieken, serão talvez do final de Oitocentos os vitrais da capela neogótica do palacete dos Pestanas, situada na Rua do Almada, os quais tomam um risco da sua autoria. A Capela dos Pestanas – obra de excepção no contexto da arquitectura portuense do final do século XIX – fora construída entre 1878 e 1890, por iniciativa de José Joaquim Guimarães Pestana da Silva, proprietário do palacete vizinho situado na esquina das ruas do Almada e Gonçalo Cristóvão, adquirido pouco tempo antes e no qual mandara fazer igualmente várias alterações. O projecto arquitectónico da capela fora realizado pelo engenheiro José de Macedo Araújo Júnior, com o auxílio e colaboração de vários artistas e técnicos de destaque. Amândio Marques Pinto foi responsável pelas pinturas e estuques do interior. Por sua vez, em 1880, o escultor António Soares dos Reis modelou as imagens de São José e São Joaquim presentes na fachada. Será certamente já em data próxima da bênção da capela, em 1898, que são executados os seus vitrais de estilização neo-medieval, oito deles nas altas frestas da nave e da abside, e um outro preenchendo a rosácea situada na fachada principal, sobre a galilé de entrada.

²⁶ A.D.P., Paróquia de Massarelos, Porto, Reconhecimentos e legitimações, 1909, n.º 1.

²⁷ A.D.P., Paróquia de Miragaia, Porto, Reconhecimentos e legitimações, 1911, n.º 1.

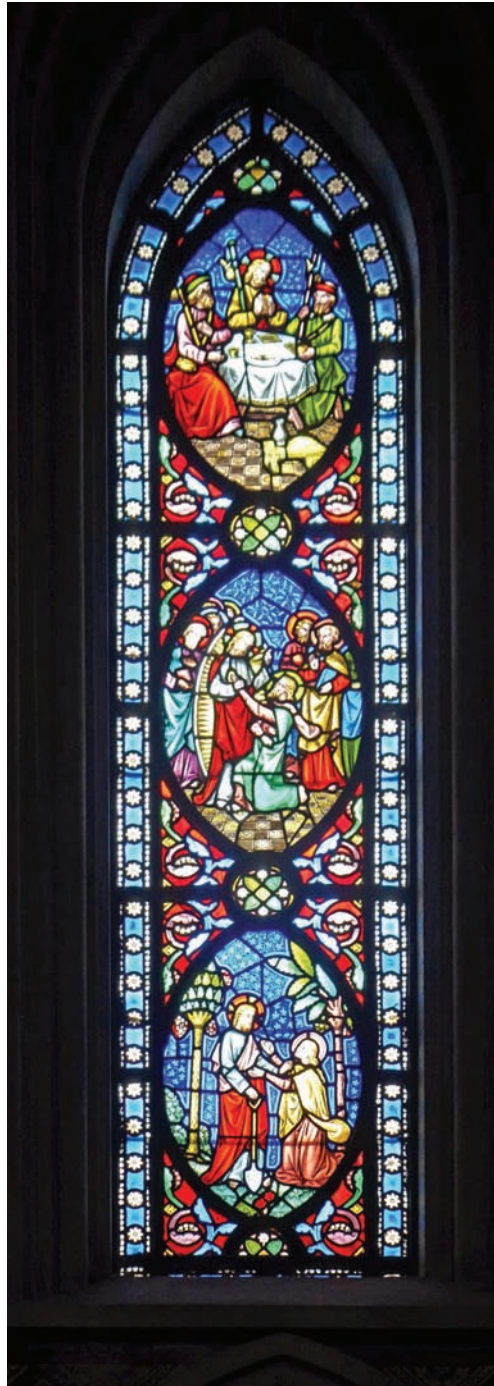


FIGURA 16 · Um dos vitrais da Capela dos Pestanas (foto de José Pedro G. Tenreiro).



FIGURA 17 · Outro vitral da Capela dos Pestanas, visto do exterior (foto de Francisco Queiroz).

A 28 de Março de 1903, ano em que residia na portuense Rua do Triunfo, n.º 106²⁸, Gerard van Krieken requer aos serviços competentes da Câmara Municipal do Porto a aprovação do projecto da habitação que pretendia edificar para uso próprio na Rua da Boa Nova²⁹. Trata-se de uma habitação destinada a lote estreito, situado do lado poente da via. No projecto apresentado, a casa era composta por dois andares, tendo dois vãos o piso térreo e três o piso superior. A composição da fachada era caracterizada por um desenho de grandes semelhanças com obras que o arquitecto Miguel Ventura Terra realizara entre finais de Oitocentos e o início de Novecentos, apresentando diversos motivos em tijolo, em frisos ou nas padieiras dos vãos, por exemplo. Porém, o projecto de Van Krieken apresentava também características invulgares, destacando-se a introdução de um saguão para iluminação e arejamento de diversas dependências internas. Cerca de um ano mais tarde, a 13 de Fevereiro de 1904, Gerard van Krieken apresenta novo pedido à edilidade portuense, com vista à substituição do alçado da sua habitação³⁰. O novo alçado mantém as características gerais do alçado original, apresentando agora apenas dois vãos ao nível do piso superior. A fachada edificada apresenta, porém, diversas diferenças em relação aos projectos apresentados para licenciamento. Apesar de manter o esquema de vãos do projecto de 1904, apresenta agora um friso de azulejos junto à cimalha, para além de um revestimento geral com azulejos biselados, suprimindo-se os motivos em tijolo aparente.

Em Janeiro de 1904, Gerard van Krieken é proposto pelo Ministério das Obras Públicas para Oficial da Ordem Civil do Mérito Industrial³¹, tendo recebido a honraria no ano seguinte³². Tal facto evidencia que Van Krieken era já técnico e professor de mérito reconhecido na área ornamental. Também em 1904, Gerard van Krieken é mencionado como um dos presentes na conferência sobre a arte da Renascença, proferida por Alfredo Serrano no Instituto Portuense de Estudos e Conferências. Note-se que a conferência foi presidida pelo próprio prelado portuense D. António Barroso, secretariado pelo Conde de Samodães – que, além da ligação à Academia Portuense de Belas Artes, era conhecido na cidade por ser fervoroso católico e um monárquico conservador. De tendência político-religiosa se-

²⁸ *Almanach Palhares de 1904*. Lisboa, Empreza Editora do Almanach Palhares, 1903, p. 1027.

²⁹ ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL DO PORTO (A.H.M.P.), Licença de obra n.º 204/1903.

³⁰ A.H.M.P., Licença de obra n.º 28/1904.

³¹ *Diário do Governo*, 19 de Janeiro de 1904.

³² DUARTE, Marco Daniel Carrola – *Fátima e a criação artística (1917-2007): o santuário e a iconografia*. Tese de Doutoramento em História da Arte apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra em 2013, p. 64.



FIGURA 18 • Casa de Gerard van Krieken na Rua da Boa Nova (foto de José Pedro G. Tenreiro).

melhante eram os Viscondes de São João da Pesqueira – os primeiros mencionados na imprensa, quando referem a assistência à dita conferência. Aliás, o Visconde, “adido de Legação, comendador da Ordem de Cristo, (...) fundou em Roma o Colégio Português, pelo que gozava de grande prestígio na Cúria Romana, tendo-lhe concedido o Sumo Pontífice, além das honras de duque, a Ordem Suprema de Cristo, que habitualmente só era conferida a chefes de Estado”³³. Outras figuras presentes na supramencionada conferência foram: o já referido José Joaquim Pestana da Silva, que partilhava igualmente uma posição político-religiosa próxima dos demais; o Conde de Alentém; a Condessa de Moser e sua sobrinha, Condessa de Samodães; as irmãs Guilhermina e Virgínia Suggia;

³³ PONTE, Brig.º Nunes da – “Festas da Sociedade – II”, *O Tripeiro*, 5.ª Série, Ano VI, Fevereiro de 1951, p. 227-228.

o arquitecto José Marques da Silva; os irmãos António Teixeira Lopes (escultor) e José Teixeira Lopes (arquitecto); os pintores João Vaz, José de Brito, Cândido da Cunha, e “*Carneiro Júnior*” (ou seja, António Carneiro); Rodrigo Solano e João Solano; Honório de Lima; entre muitas outras pessoas³⁴.

Ainda em 1904, Gerard van Krieken integra a equipa encarregada de trabalhar no projecto e construção da Livraria Lello & Irmão³⁵, sob a direcção do engenheiro Francisco Xavier Esteves (1864-1944), equipa essa na qual participam igualmente o professor e pintor suíço Joseph Biemann e o escultor José da Maia Romão Júnior (1878-1949). Nos cerca de oito anos anteriores, Xavier Esteves vinha desenvolvendo importante actividade enquanto projectista de obras em cimento armado – um método construtivo predecessor do sistema estrutural em betão armado, sendo este último desenvolvido a partir do modelo estabelecido pelo engenheiro francês François Hennebique (1842-1921) e apresentado ao público em geral na Exposição Universal de 1900. As obras de que Francisco Xavier Esteves se encarrega desde 1896 tendem, pois, a assumir uma componente ornamental em cimento moldado, seguindo técnicas semelhantes às dos estuques em gesso. O edifício da Livraria Lello & Irmão, erguido no novo Bairro das Carmelitas e concluído em 1906, será, de todas as obras dirigidas por Xavier Esteves, aquela que assume uma componente ornamental mais complexa, a qual – na sua parte de cimento moldado, observável na fachada, e na de estuques e mobiliário, presentes no interior – terá sido, por certo, maioritariamente desenhada e/ou executada por Gerard van Krieken. Todos estes elementos seguem modelos do gótico tardio inglês, raramente utilizados em Portugal até então. Adicionalmente, Gerard van Krieken será o autor do risco do vitral da grande clarabóia que, em posição central no tecto, permite a iluminação do espaço da livraria. Van Krieken concebeu ainda o logótipo existente no centro do vitral, o qual viria a ser impactante como imagem da marca Lello até quase aos nossos dias.

³⁴ A Nação, Lisboa, 19 de Janeiro de 1904.

³⁵ A.H.M.P., Licença de obras 71/1904, Cota D-CMP/7(177) – f. 66-73.

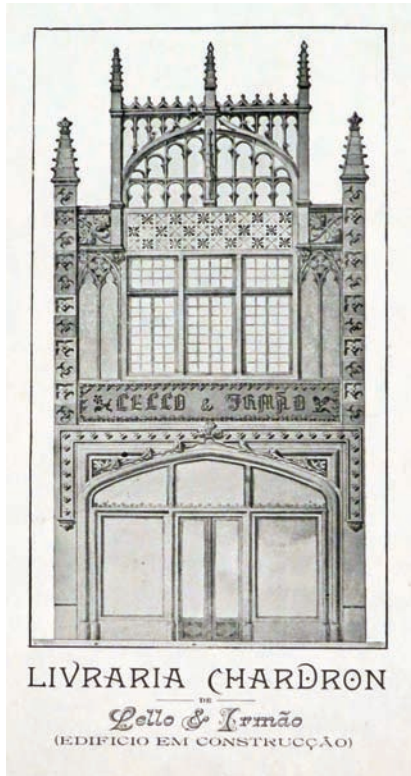


FIGURA 19 • Prospecto da frontaria da Livraria Lello, aquando da construção.



FIGURA 20 • Detalhe da frontaria da livraria (foto de José Pedro G. Tenreiro).

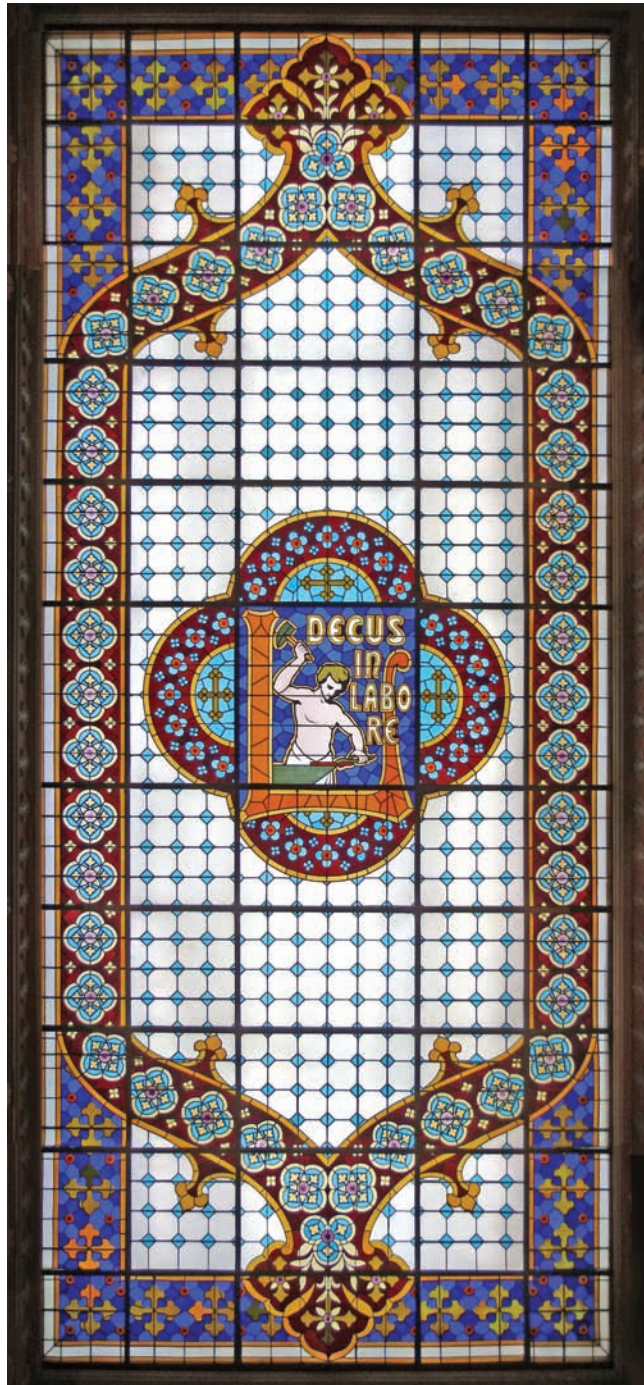


FIGURA 21 · Vitral da clarabóia da livraria (foto de José Pedro G. Tenreiro).

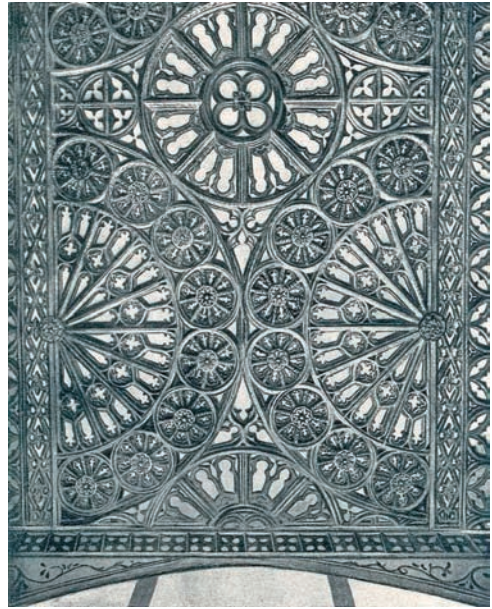


FIGURA 22, 23 E 24 · Aspectos decorativos do interior da livraria; perspectiva geral com o mobiliário de gosto gótico; estuques do mesmo gosto logo após a entrada; estante envidraçada no piso superior (*Álbum descritivo. Livraria Chardron. Lello & Irmão, Porto. Porto, Imprensa Moderna, 1906*).

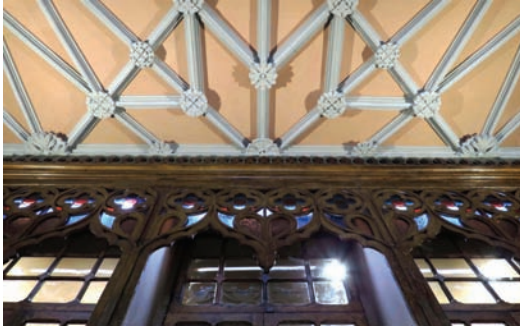


FIGURA 25, 26 E 27 · Aspectos decorativos do interior da livraria: lambrequim e tecto nervurado de gosto gótico; estuques a imitar madeira sob a escadaria central; detalhe de um dos armários com motivos góticos pintados (fotos de Francisco Queiroz).



FIGURA 28 E 29 - Balastrada da escadaria central e detalhe de uma das carrancas sob a escadaria (fotos de Francisco Queiroz).

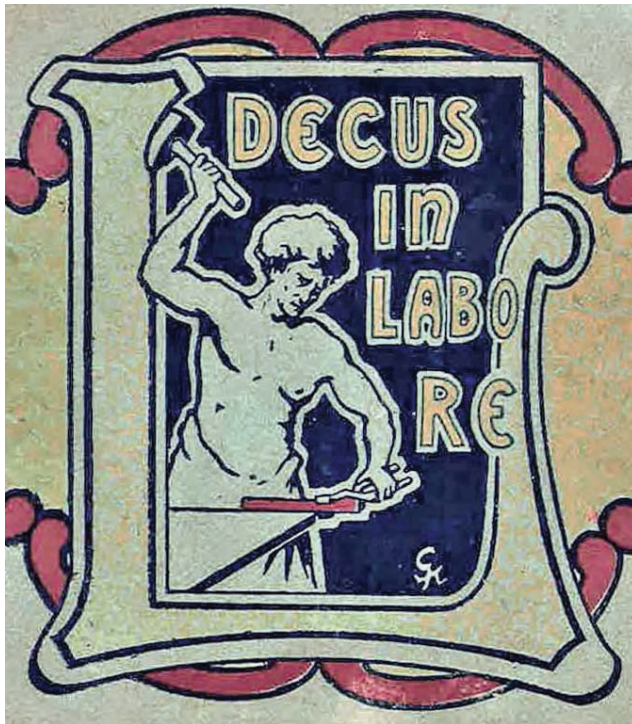


FIGURA 30 - Logotipo da livraria, com assinatura de Gerard van Krieken em forma de monograma – como era habitual em artistas da época (detalhe da capa do já mencionado *Álbum descritivo*, de 1906).



FIGURA 31 E 32 · Mísulas da varanda do edifício da Rua da Galeria de Paris, números 48 a 64
(fotos de José Pedro G. Tenreiro).

Importa ressaltar que Gerard van Krieken terá talvez participado em outras obras erguidas sob a direcção de Xavier Esteves, ainda que não se conhecendo documentos comprovativos de mais colaborações conjuntas. Pode ter sido o caso do já desaparecido armazém erguido em 1904 para Manuel Pinto de Sousa Lello, na portuense Rua Cândido dos Reis, em particular no tocante ao desenho da ornamentação Arte Nova da sua fachada. É possível que tenha sido também Gerard van Krieken o autor das mísulas com carrancas que suportam a sacada do segundo andar do edifício da Rua da Galeria de Paris, números 48 a 64, cuja construção é da responsabilidade técnica de Xavier Esteves³⁶.

³⁶ A.H.M.P., Licença de obras 221/1908, Cota D-CMP/7(210) – f. 109-121.



FIGURA 33 · “O filho do mágico”, ilustração de Gerard van Krieken.

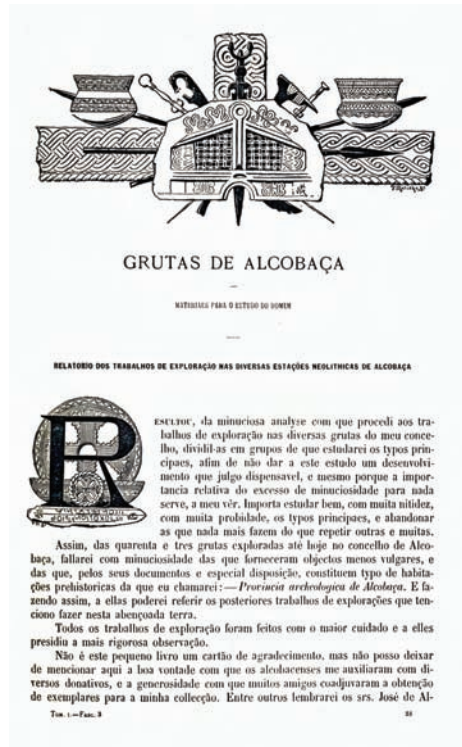
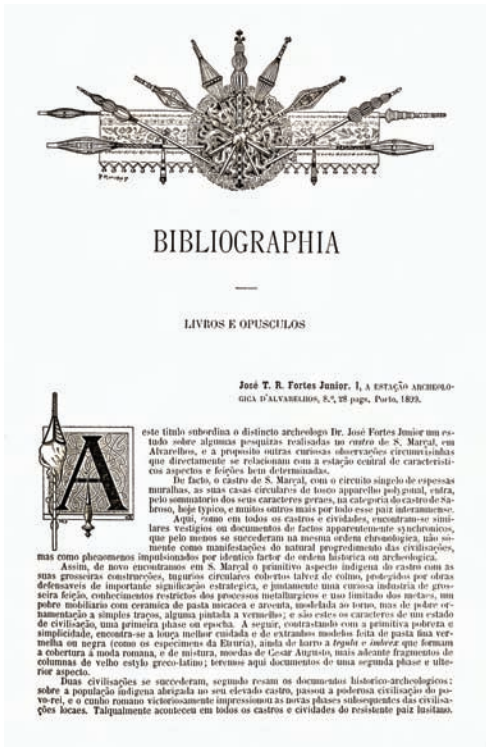


FIGURA 34 E 35 · Ilustrações de Gerard van Krieken na revista *Portvgalia*.

Em 1905, Gerard van Krieken é mencionado como o “*considerado professor alemão*” autor da “*notável*” ornamentação em prata executada pela ourivesaria José Rosas para a capa do álbum com vistas fotográficas de monumentos portugueses que iria ser oferecido ao primeiro-ministro francês Émile Loubet, na ocasião da sua visita a Lisboa³⁷. Nesse ano, Van Krieken foi ainda um dos colaboradores artísticos do *Diário de Notícias Ilustrado*. No Natal de 1908 Gerard van Krieken é um dos ilustradores do número especial da revista *Arte*, dirigida por Marques Abreu, na qual colaboraram também os seus colegas Joseph Biemann e Silvestro Silvestri³⁸. Van Krieken concebeu igualmente o diploma de sócio da Real Liga Agrária do Norte³⁹, e ilustrou um conto do seu amigo Júlio Brandão, intitulado “O filho do mágico”⁴⁰. Por vezes, as ilustrações de Van Krieken restringiam-se a meros cabeçalhos e letras capitulares, ainda que propositadamente concebidos, como no caso dos que desenhou para a revista *Portvgalia*: um cabeçalho e a inicial “A” com motivos de rocas e fusos; e um cabeçalho e a inicial “R” com motivos de objectos pré-históricos nacionais⁴¹.

Coevamente, encontram-se diversos registos da sua participação em iniciativas culturais e artísticas de relevo, sobretudo no Porto. Em 1899, Gerard van Krieken terá participado numa “*Exposição de Trabalhos Artísticos*” realizada no *atelier* da Fotografia Guedes, de Guedes de Oliveira, na Rua de Santa Catarina, na qual participaram igualmente: Alberto Andersen, Alberto Aires de Gouveia, António José de Oliveira Mourão, António Moreira Cabral, Augusto Gama, Carlos Lima, Elisa Soares de Ancede, Francisco Ramalho Ortigão (filho), José António de Almeida, Manuel Maria Lúcio, Manuel de Almeida, Ramiro Mourão, e Ricardo Fonseca⁴². Em 1903, a 20 de Maio, a imprensa identifica Gerard van Krieken entre os diversos participantes que ofereceram trabalhos para uma exposição artística realizada a favor da Creche de Santa Marinha, em Gaia, por iniciativa do escultor António Teixeira Lopes⁴³. A par destes, participaram e ofereceram igualmente trabalhos, entre outros: os escultores José Joaquim Teixeira Lopes, Simões de Almeida, e Fernandes Caldas; os

³⁷ *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 8 de Novembro de 1905.

³⁸ *Azulejos*, n.º 46, 3 de Agosto de 1908, p. 580.

³⁹ *Gazeta das Aldeias*, Lisboa, 2 de Agosto de 1908.

⁴⁰ BRANDÃO, Júlio – *Perfis suaves*. Porto, Typ. Universal de J. Figueirinhas, 1913, p. 83.

⁴¹ *Portvgalia – Materiaes para o estudo do povo portuguez*, Tomo I, fascículos 1 a 4, Porto, 1899-1903, p. 425, 433.

⁴² ASSUNÇÃO, Maria Manuela Baptista – *Os pintores e os públicos no Porto: Naturalismo, Tardo-Naturalismo: do final do Século XIX (1880) à República (1910)*. Tese de Doutoramento em História apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto em 2015, p. 344-345.

⁴³ “Aconteceu há 50 anos”, *O Tripeiro*, 5.ª Série, Ano IX, Maio de 1953, p. 30.

arquitectos José Teixeira Lopes, José Marques da Silva, e Miguel Ventura Terra; os pintores Aurélia e Sofia de Sousa, Acácio Lino, António Carneiro, José de Brito, Artur Loureiro, João Augusto Ribeiro, Marques de Oliveira, e Jorge Colaço; vários membros da família Bordalo Pinheiro, a Rainha D. Amélia, e a Duquesa de Palmela. A natureza desta exposição é ilustrativa da inserção de Gerard van Krieken no meio artístico e cultural portuense da época.

Em Dezembro de 1907 a imprensa volta a dar conhecimento da participação de Van Krieken numa festa promovida pela família Teixeira Lopes, designadamente a comemoração das bodas de ouro nupciais de José Joaquim Teixeira Lopes, em São Mamede de Ribatua⁴⁴. Aí participaram igualmente diversas distintas famílias e importantes vultos do meio cultural e artístico portuense, entre os quais podemos referir: a actriz Emília Eduarda, o violinista Bernardo Moreira de Sá (acompanhado pelo seu filho engenheiro), o arquitecto Marques da Silva, os irmãos Oliveira Ferreira, os escultores Rodolfo Pinto do Couto e Alves de Sousa, Diogo José de Macedo e Diogo Alberto de Macedo.

Em Novembro de 1908, Gerard van Krieken recebeu um elogio do rei D. Manuel II, aquando da visita do monarca à Escola Industrial Infante D. Henrique, sublinhando-se, mais uma vez, o reconhecimento do seu mérito⁴⁵. Mais tarde, a 16 de Maio de 1909, Gerard van Krieken integra um júri encarregado de escolher os melhores vestidos para bonecas numa festa de caridade que teve lugar no Jardim Passos Manuel, no Porto⁴⁶. No mesmo ano, desenha a bandeira da Escola Industrial Infante D. Henrique, pintada pelo tenente-coronel Torquato Pinheiro, tendo sido a mesma exposta publicamente a 16 de Novembro.

Após a morte do escultor Joaquim Gonçalves da Silva, em Dezembro de 1912, Gerard van Krieken volta a juntar-se a outras personalidades da nata cultural e artística portuense, oferecendo logo em Março de 1913 diversos trabalhos para a exposição-sorteio a realizar a favor da família do falecido artista gaiense⁴⁷. Para a mesma exposição-sorteio – inaugurada a 10 de Janeiro de 1914 no átrio da Misericórdia do Porto, com obras de pintura, escultura, faiança, fotografia e não só – oferecem trabalhos, entre outros: Aires de Gouveia, António Almeida da Costa (proprietário da Fábrica de Cerâmica das Devesas), António Carneiro, António Teixeira Lopes, Artur Loureiro, Aurélia de Sousa, Cândido da Cunha, Carlos Branco, Columbano Bordalo

⁴⁴ “Aconteceu há 50 anos”, *O Tripeiro*, 5.ª Série, Ano XIII, Dezembro de 1957, p. 251.

⁴⁵ DUARTE, Marco Daniel Carrola – *Fátima e a criação artística (1917-2007)*, p. 64.

⁴⁶ “Aconteceu há 50 anos”, *O Tripeiro*, 5.ª Série, Ano XV, Maio de 1959, p. 28.

⁴⁷ “Aconteceu há 50 anos”, *O Tripeiro*, 6.ª Série, Ano III, Março de 1963, p. 93-94.

Pinheiro, Diogo de Macedo, Domingos Alvão, Emílio Biel, António Fernandes de Sá, Guedes de Oliveira, Henrique Moreira, João Augusto Ribeiro, Joaquim Lopes, José de Oliveira Ferreira, José de Brito, José Malhoa, Júlio Costa, Júlio Ramos, Júlio Vaz, Manuel de Moura, Marques da Silva, Marques de Oliveira, Paulino Gonçalves, Silvestro Silvestri, Simões de Almeida, Sousa Caldas, e Veloso Salgado.

Em 1914, ano em que terá recebido o estatuto oficial de cidadão holandês, segundo o *Staatsblad van het Koninkrijk der Nederlanden*, Gerard van Krieken integra, juntamente com Joseph Biemann, o corpo instalador da nova Escola de Arte Aplicada Soares dos Reis, dirigida pelo arquitecto José Marques da Silva⁴⁸. A 18 de Setembro, os três únicos professores deste projecto educativo reúnem-se pela primeira vez para o efeito, estabelecendo então o programa de ensino, bem como o princípio de que a nova escola destinar-se-ia apenas a alunos operários. Em 1917, a escola funcionava na Rua Nova do Palácio⁴⁹. Todavia, a Escola de Arte Aplicada foi extinta no consulado sidonista, pelo decreto n.º 3752 de 3 de Janeiro de 1918. Gerard van Krieken surge depois associado ao Curso de Arte Aplicada, como docente da Escola Industrial Infante D. Henrique, da qual não se desvinculara durante o tempo em que leccionou na Escola de Arte Aplicada Soares dos Reis. Em 1920, Gerard van Krieken continua a documentar-se como professor na Escola Industrial Infante D. Henrique. Viria a aposentar-se nesta escola em 1926⁵⁰, tendo leccionado até 4 de Agosto daquele ano⁵¹.

Gerard van Krieken permaneceu próximo do círculo cultural que gravitava em torno da família Teixeira Lopes, a qual, participando na comissão artística da Junta Patriótica do Norte⁵², promoveu em 1917 a Grande Exposição de Arte Nacional no Palácio de Cristal. Neste contexto, Van Krieken toma parte no júri do concurso para os projectos do cartaz e da capa do catálogo da exposição, e ainda para o próprio cartaz de propaganda da Junta Patriótica do Norte. O dito júri

⁴⁸ CARVALHO, António Cardoso Pinheiro de – *O arquitecto José Marques da Silva e a arquitectura no norte do país na primeira metade do século XX*, p. 189.

⁴⁹ *Anuario Commercial de Portugal*, 1917, p. 2734. É neste contexto que Gerard van Krieken será professor do estuador António Enes Baganha, primeiramente na Escola Industrial Infante D. Henrique e mais tarde na Escola de Arte Aplicada Soares dos Reis. Veja-se ainda LOBO, Maria Natália de Magalhães Moreira – *O Ensino das Artes Aplicadas (ourivesaria e talha) na Escola Faria Guimarães de 1884 a 1948: reflexo no desenvolvimento artístico da cidade do Porto*. Dissertação de Mestrado em História da Arte apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto em 1998, vol. II, p. CCCXXXVI.

⁵⁰ CARVALHO, António Cardoso Pinheiro de – *O arquitecto José Marques da Silva e a arquitectura no norte do país na primeira metade do século XX*, p. 195.

⁵¹ DUARTE, Marco Daniel Carrola – *Fátima e a criação artística (1917-2007)*, p. 64.

⁵² *Junta Patriótica do Norte: Sinopse da sua obra – 20-III-1916 – 30-IX-1918*. Porto, [s.n.], 1918, p. V.

integrava também: Júlio Brandão, Joaquim Costa, Bento Carqueja, Marques de Oliveira e José de Brito, sendo presidido por Alberto de Aguiar. Os prémios foram atribuídos a 11 de Abril de 1917.

Gerard van Krieken terá mantido actividade profissional no domínio da construção. Em 1918 é encarregado da remodelação das casas que os Viscondes de São João da Pesqueira detinham nas ruas de D. Manuel II⁵³ e do Rosário⁵⁴. Lembramos que o Visconde de São João da Pesqueira testemunhou presencialmente o casamento de Gerard van Krieken, vários anos antes, pelo que seria certamente próximo desta família de tendência conservadora.

A referida reformulação constitui talvez a obra mais completa, de entre as várias que se conhecem concebidas por Gerard van Krieken. De facto, são integralmente da sua autoria os desenhos seguidos a nível arquitectónico, e todo o projecto decorativo: estuque e cimento moldado, mobiliário, azulejos, e vitrais. As duas referidas casas são confinantes apenas pelo logradouro. A que se volta para a Rua D. Manuel II, correspondente à residência dos Viscondes, foi a que mereceu uma remodelação mais profunda, em obra que se prolongou até 1921. A casa apresenta três pisos à face da via pública, sobre os quais existe ainda um andar recuado. A fachada original, de características comuns à construção corrente dos meados do século XIX, é integralmente intervencionada segundo o projecto de Gerard van Krieken, sendo revestida a cimento moldado. Este revestimento simula, no piso térreo, uma falsa cantaria em almofada, e, no andar nobre, duas pilastras coríntias estilizadas, motivos com panejamentos sob as janelas, e mísulas suportando frontões. Por sua vez, a janela central apresenta uma sacada de grande balanço que substitui a original, sendo esta integralmente construída em betão e com balaústres de cimento pré-fabricado. O terceiro piso é separado do andar nobre por um entablamento ornamental e rematado superiormente com uma balaustrada ritmada por quatro fogaréus que dissimula o andar recuado a partir da via pública. No contexto da composição classicista de toda a fachada, é o gradeamento em serralharia artística da porta principal que assume maior modernidade, aproximando-se dos modelos franceses em voga naquela época.

⁵³ A.H.M.P., Licenças de obra n.º 669/1918 e n.º 417/1920.

⁵⁴ A.H.M.P., Licença de obra n.º 572/1918.



FIGURA 36 · Fachada do Palacete dos Viscondes de São João da Pesqueira (foto de José Pedro G. Tenreiro).



FIGURA 37 E 38 · Pormenores da fachada do Palacete dos Viscondes de São João da Pesqueira (fotos de José Pedro G. Tenreiro).



FIGURA 39 · Porta principal do Palacete dos Viscondes de São João da Pesqueira (foto de José Pedro G. Tenreiro).

No interior, a intervenção de Gerard van Krieken destaca-se sobretudo no segundo piso, onde existem duas salas de estar: uma decorada com motivos e mobiliário Arte Nova, e outra designada à época como “Sala Renascença”, ainda que apresentando poucas semelhanças com aquele estilo na sua ornamentação. Para além desta sala, existem também, no mesmo piso, uma sala de fumo neo-árabe e uma sala de jantar neo-gótica. Esta última, ressalta pelo seu tecto e lambrins de madeira, assim como pelo seu fogão de sala armoriado e painéis nos vãos – tudo de gosto neo-gótico – tendo sido concebida para condizer com a imponente baixela mandada fazer pelos proprietários em 1900-1904. Para a dita sala, Gerard van Krieken desenhou igualmente todo o mobiliário de estilização neo-medieval, actualmente observável no Paço Episcopal do Porto. O gosto neo-gótico desta sala transmite-se à escada de serviço em caracol que permite o acesso à cozinha. Ainda neste piso existe um jardim

de inverno ornamentado nas suas paredes com painéis de azulejos representando um jardim com árvores, flores, e uma pequena fonte, segundo desenho de Gerard van Krieken. Os planos sobrepostos, a rigidez na repetição modular das várias árvores, alternando as frondosas de um plano mais próximo com as despidas de folhas num plano recuado, lembram vagamente composições de pintura simbolista, sendo um exemplo bastante invulgar de azulejaria. Além destes espaços do andar nobre, destacam-se: o quarto da viscondessa, em gosto neo-rococó, e o oratório, com motivos diversos de gosto neo-gótico e neo-rococó⁵⁵.

O programa decorativo aplicado na remodelação do palacete dos Viscondes de São João da Pesqueira inscreve-se numa gramática já desajustada do contexto e do tempo em que esta obra foi feita. Com efeito, a utilização, por exemplo, de uma ornamentação neo-medieval na sala de jantar segue os modelos praticados no Porto nos últimos anos de Oitocentos e primeiros de Novecentos, mas que caíram em desuso sensivelmente após a implantação da República. Na segunda década de Novecentos, mantinham-se em Portugal alguns dos princípios estéticos que haviam norteado até então os modelos decorativos das salas de jantar, como a madeira aparente (ou pintada, fingindo madeiras exóticas), e, em geral, o cromatismo mais escuro, em contraponto à pintura de cores claras que caracterizava os restantes espaços domésticos. Porém, em Portugal o vocabulário neo-gótico da ornamentação – que, nos anos imediatamente anteriores à República, nem sequer era propriamente muito exuberante nos interiores mais luxuosos e, quando o era, tendia a surgir nos espaços menos formais da casa (como mirantes e torreões, além dos oratórios) – foi sendo substituído por outros modelos, sendo os gostos Neo-Barroco e Neo-Renasença os mais comuns nas obras de maior carga ornamental da segunda década de Novecentos. Por conseguinte, o programa decorativo executado por Gerard van Krieken traduz o conservadorismo dos Viscondes de São João da Pesqueira, contrário à modernidade que rapidamente se ia sedimentando na cultura portuense. Se a profusa decoração neo-gótica da Livraria Lello representou, na sua época, uma espécie de fim-de-linha do Romantismo, apropriando-se a uma casa comercial que pretendia chamar a atenção como uma espécie de “templo dos livros”; a decoração neo-gótica concebida mais de uma década depois para a casa dos Visconde de São João da Pesqueira, é já quase anacrónica e, pela sua profusão, claramente pode ser entendida como uma afirmação ideológica. Apesar disso, nem tudo o que Gerard van Krieken desenhou para os Viscondes de São João da Pesqueira era antiquado, à época, sendo disso

⁵⁵ SILVA, Maria da Conceição Lobo – “A casa dos Viscondes de São João da Pesqueira, no Porto. II – A casa”, in *O Tripeiro*, Dezembro de 2000, p. 402.

exemplo o projecto para o já referido jardim de inverno, que, embora siga pressupostos do Romantismo, esteticamente é já uma obra claramente afastada dessa época, ainda que inusitada, por não se aproximar de modo notório a outras do início da década de 1920. Aliás, no tecto deste espaço subsiste uma clarabóia com vitral de gosto vagamente Arte Nova, apresentando rosas e diversos motivos fitomórficos estilizados. Quanto aos azulejos que revestem as paredes integralmente, foram pintados em 1921 por Pedro de Figueiredo Ferreira (1880-1972), que assinou “*P. Figueiredo*”, acrescentando junto à sua assinatura que os desenhos eram de “*G. van Krieken*”.



FIGURA 40 · Jardim de inverno do Palacete dos Viscondes de São João da Pesqueira (gentileza de Filipe Silva).

Precisamente no ano de 1921, Gerard van Krieken foi encarregado daquela que veio a ser a sua maior encomenda: os projectos para o Santuário de Fátima e para a sua basílica. D. José Alves Correia da Silva fora nomeado prelado de Leiria no ano anterior, tão-somente três anos após as aparições da Cova da Iria, e desde logo se dedicara à ideia de ali implantar um santuário mariano. Foi por intercessão dos Viscondes de São João da Pesqueira e da família Oriol Pena que o prelado decidiu chamar Gerard van Krieken, conforme o próprio D. José Alves Correia da Silva refere em carta dirigida a Manuel Nunes Formigão⁵⁶, com data de 26 de Novembro⁵⁷. Sublinha-se, assim, a ligação de Gerard van Krieken a um círculo de famílias e de figuras pertencentes às elites católicas conservadoras. Naquela carta, o Bispo de Leiria justifica o projectista escolhido, dizendo: “*é hollandez e não é catholicico*”, mas “*é muito intelligente (...) conheço-o muito bem e até, segundo sei, tem muita estima por mim*”. Lembramos que D. José Alves Correia da Silva era maiato de nascimento e, antes da ida para Leiria, vivia no Porto, cidade à qual continuou ligado. Aliás, já depois de ser o prelado leiriense, foi ele quem benzeu, em 1921, o oratório da casa dos Viscondes de São João da Pesqueira⁵⁸.

Gerard van Krieken já estaria em contacto com D. José Alves Correia da Silva antes da carta a que aludimos, mas apenas em 1926, e numa outra missiva (de acordo com a documentação subsistente que se conhece), indicou ter “*alguma coisa feita no projecto*” para o templo de Fátima⁵⁹. Por certo, anteriormente já teria elaborado os primeiros esboços para o recinto, pois só assim seria possível definir o local exacto de construção da basílica. Com efeito, foi já da sua autoria o risco do pórtico de entrada no Santuário, erguido cerca de 1922-1923, mais tarde demolido para a ampliação do mesmo. Este pórtico assumia um desenho claramente influenciado pelo pórtico dito “do Leão”, na Syon House, em Brentford, nos arredores de Londres, o qual havia sido projectado por Robert Adam (1728-1792)⁶⁰. São flagrantes as semelhanças com o seu arco central ladeado por colunatas vedadas com gradeamento em ferro, tendo nos seus extremos laterais pequenas construções de apoio e controlo da entrada. O próprio portão em ferro acusa o gosto inglês, com o seu arqueamento invertido

⁵⁶ Manuel Nunes Formigão, sacerdote e jornalista, em 1917 fora enviado pela Diocese de Leiria a Fátima, para investigar o acontecimento. Durante os primeiros anos de estruturação do Santuário, correspondeu-se frequentemente com D. José Alves Correia da Silva.

⁵⁷ DUARTE, Marco Daniel Carrola – *Fátima e a criação artística (1917-2007)*, p. 121.

⁵⁸ SILVA, Maria da Conceição Lobo – “A casa dos Viscondes de São João da Pesqueira, no Porto. II – A casa”, p. 402.

⁵⁹ DUARTE, Marco Daniel Carrola – *Fátima e a criação artística (1917-2007): o santuário e a iconografia*, p. 152.

⁶⁰ *Syon House. The story of a great House (with a short guide for visitors)*. London, Syon House Estate, 1950, p. 31.

e ornatos da testeira. Semelhantes aos do seu congénere britânico são até os próprios capitéis das pilastras do arco central, demonstrando a erudição do desenho de Van Krieken. Em Fátima, lateralmente a este pórtico foram igualmente abertos dois outros arcos, posteriormente também demolidos.



FIGURA 41 E 42 · Pórtico de entrada no recinto do santuário de Fátima em Abril de 1928 e em Novembro de 1929 (detalhes de postais antigos com base em clichés de Diamantino).

A construção prévia desta estrutura decorria da vontade do próprio prelado de Leiria, que pretendia evitar romarias profanas dentro de chão sagrado. Ficou então logo definido o eixo de simetria que condicionaria todas as construções de um recinto que se foi alargando paulatinamente, acompanhando o aumento do número de peregrinos. Por este motivo, o plano inicial que Gerard van Krieken elaborou, com base nas indicações de D. José Alves Correia da Silva, foi sendo adaptado. Naquele plano, o recinto seria ajardinado e pontuado pelas capelas dos passos de uma Via Sacra. Nos primeiros anos de estruturação do recinto de Fátima, foram vários os donativos de famílias para o financiamento das obras, sendo de notar a iniciativa de Maria de Jesus Oriol Pena, então moradora no mencionado *chalet* da Quinta de Carvalhais em Riachos, que demonstrou vontade de “*custear a dispeza com uma capela na Cova da Iria, escolhendo, segundo a sua devoção, o mysterio da Agonia de Jesus no Horto*”⁶¹ – ou seja, aquela que seria a primeira capela da Via Sacra. Porém, a Via Sacra não veio ser edificada junto ao santuário. Só muito tempo depois foi erguida, e em local mais distante.

⁶¹ DUARTE, Marco Daniel Carrola – *Fátima e a criação artística (1917-2007)*, p. 132-133.

Para o recinto de Fátima, e por parte de Van Krieken, foi também pensado um fontanário em forma de monumento dedicado ao Sagrado Coração de Jesus, ainda hoje parcialmente existente, assim como a reconstrução da Capela das Aparições. Esta deveria assumir uma planta centralizante, com nave hexagonal à qual acoplar-se-iam um alpendre, junto à entrada, e uma pequena sacristia, no seu lado oposto.

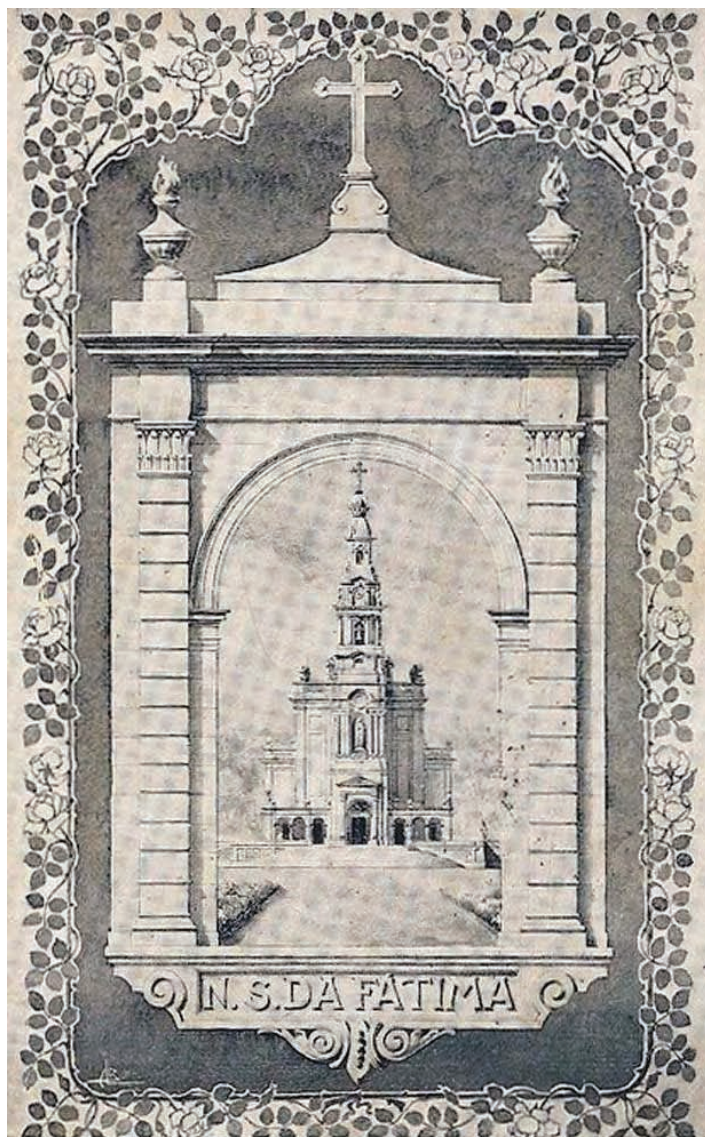


FIGURA 43 · Postal antigo que mostra o alçado previsto para a futura basílica, no enfiamento do pórtico.

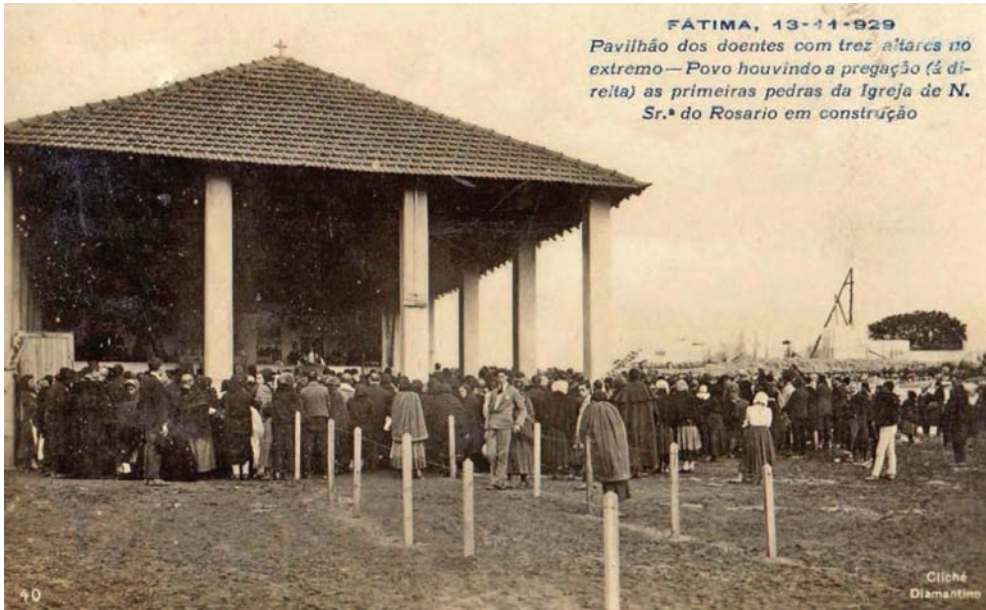


FIGURA 44 • Recinto do santuário de Fátima em Novembro de 1929, vislumbrando-se ao fundo o início da construção da basílica (postal com base em cliché de Diamantino).

O templo/basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima constitui, porém, a peça central de toda a intervenção idealizada por Gerard van Krieken, assumindo uma arquitectura classicizante de grande sobriedade, a qual distingue-se tanto das tendências mais modernas que irradiavam desde Paris, como da crescente posição tradicionalista ancorada, sobretudo, nas publicações de Raul Lino e de outros arquitectos da capital portuguesa. Desta forma, a basílica de van Krieken traduz a imagem conservadora do círculo em que a celebração de Fátima é alicerçada. A primeira pedra é simbolicamente colocada a 13 de Maio de 1928 e benzida pelo Arcebispo de Évora, D. Manuel da Conceição Santos, sendo o templo sagrado somente vinte e cinco anos depois, a 7 de Outubro de 1953.

A basílica congrega várias referências arquitectónicas. Se o interior parece recriar as grandes igrejas monásticas do período filipino, com a nave ladeada por pequenas capelas antecedendo um curto e baixo transepto, exteriormente é retomado um formulário comum às igrejas que vinham sendo erguidas sobretudo desde finais de Oitocentos, com apenas uma torre sineira em posição axial. Era o caso, por exemplo, da igreja do anacrónico Convento de Santo António da Portela, em Leiria, cuja construção ficou interrompida devido à Implantação da República. Tratava-se de um projecto elaborado

à volta de 1902 por Nicola Bigaglia – mais um colega de Van Krieken, que veio para Portugal na mesma época e com o mesmo propósito, estando então a leccionar em Leiria. Contudo, a referência maior para a basílica de Fátima terá sido, certamente, a igreja projectada para a paróquia portuense de Cedofeita pelo arquitecto José Marques da Silva, antigo colega de Gerard van Krieken na Escola de Arte Aplicada Soares dos Reis. Marques da Silva fora encarregue de conceber o risco para a nova Igreja de Cedofeita ainda no Século XIX. Porém, após vários projectos e uma curta etapa de obras, já no primeiro decénio de Novecentos as mesmas seriam interrompidas por longos anos, devido à escassez de recursos e aos impedimentos decorrentes da revolução de 1910. Nos primeiros anos da década de 1920, com um novo contexto, havia já a possibilidade de retomar aquela iniciativa, tendo Marques da Silva reformulado o projecto a partir da planta iniciada em obra, num ajuste às limitadas capacidades financeiras. A igreja delineada por Marques da Silva, cuja construção não foi além da capela-mor, destacava-se igualmente pela sua torre sineira central e pelo seu classicismo desornamentado. A comparação das imagens da sua construção com as do estaleiro da basílica de Fátima permite verificar a semelhança entre os dois templos, sendo que o da Cova da Iria ainda assume menor carga ornamental, concentrando-a na capela-mor, no arco cruzeiro e, naturalmente, na torre sineira, que se torna na imagem do próprio santuário.



FIGURA 45 - O recinto de Fátima no ano em que morre Gerard van Krieken, vendo-se em primeiro plano o fontanário / monumento (fonte: Delcampe).



FIGURA 46 · Basílica de Fátima antes da construção dos pórticos laterais (gentileza de Maria Soares).

Paralelamente à execução dos projectos para Fátima, Gerard van Krieken tomou outras encomendas. É neste contexto que, em 1924, Gerard van Krieken elabora um estudo para ampliação do edifício da Faculdade de Medicina do Porto, projectado por Joaquim Vaz Lima e erguido entre 1875 e 1883. O projecto de Gerard van Krieken retoma os motivos do edificio oitocentista, propondo, para além da sobre-elevação da construção em um piso, o avanço da fachada, anteriormente afastada da via pública, até ao alinhamento desta. A fachada principal, ponto central da composição, apresenta-se tripartida, com um corpo central ligeiramente saliente e encimado por frontão triangular, seguindo o mesmo modelo da fachada original.

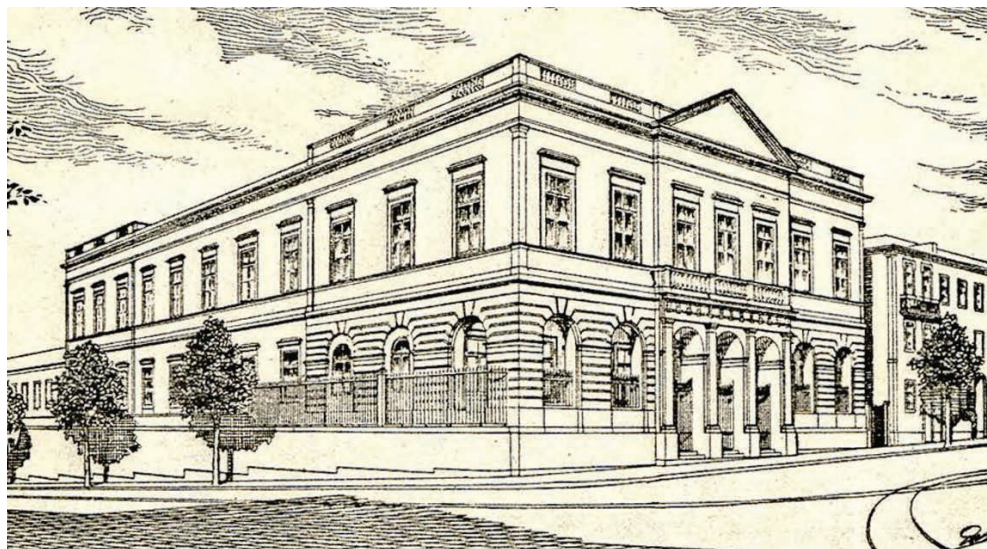


FIGURA 47 - Projecto de ampliação do edifício da Faculdade de Medicina do Porto, delineado em 1925 por Gerard van Krieken (in MONTEIRO, Hernâni – *Origens da Cirurgia Portuguesa*. Porto, Araújo & Sobrinho, Sucessores, 1926, p. 241.

Todavia, este projecto será alvo de forte contestação no ano seguinte, por parte de vários arquitectos portuenses⁶². Com efeito, na sessão de 21 de Janeiro de 1925 da Direcção da Delegação Norte da Sociedade dos Arquitectos Portugueses foi decidido officiar dois protestos, um dos quais enviado ao Ministro da Instrução, contra a construção do edifício da Faculdade de Medicina. Argumentavam os arquitectos inscritos naquela delegação que o projecto elaborado não reunia as “*condições artísticas*” a que um edifício daquela importância deveria responder, ficando “*ainda mais prejudicada a estética da cidade do Porto*”⁶³. No mesmo ano, o projecto de Gerard van Krieken é substituído por outro, da autoria dos arquitectos Rogério de Azevedo e Baltazar de Castro, cujo anteprojecto seria publicado na capa da revista *Arquitectura Portuguesa*, em Janeiro de 1926.

O anteprojecto e o projecto final elaborados pela dupla de arquitectos Rogério de Azevedo e Baltazar de Castro, então em franca ascensão no panorama portuense, são marcadamente classicistas, por comparação com as restantes obras que então

⁶² RIBEIRO, Ana Isabel – *Arquitectos portugueses: 90 anos de vida associativa: 1863-1953*. Dissertação de mestrado em História de Arte, apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa em 1993, p. 194.

⁶³ Livro de Actas da Direcção da Delegação Norte da Sociedade dos Arquitectos Portugueses, de 28 de Agosto de 1924 a 19 de Maio de 1929. Acta de 21 de Janeiro de 1925 (p. 3-4); citado em RIBEIRO, Ana Isabel – *Arquitectos portugueses: 90 anos de vida associativa*, p. 240.

concebem, mas, confrontando-os com o projecto de Gerard van Krieken, podemos verificar que os modelos arquitectónicos deste encontravam-se já desenquadrados das aspirações a uma imagem urbana moderna.

Os últimos anos de vida de Gerard van Krieken foram pautados por alguns sobressaltos ao nível pessoal. Em 1916, Crispina da Silva Campos interpõe processo para obtenção de divórcio. Na época, e para corresponder ao que preceituava a célebre lei do divórcio de 1911, a decisão judicial baseava-se no prévio apuramento da culpa em matéria conjugal. Tal circunstância geralmente originava litígios muito acesos, com troca de acusações por vezes empoladas, ou até mesmo falsas. É considerando sempre esta circunstância que temos de interpretar o conteúdo de processos judiciais deste género, não tomando *a priori* como factual aquilo que as partes alegavam, sobretudo quando a sentença não dava tais alegações como provadas.

Nas alegações iniciais, em Junho de 1916, o advogado de Crispina da Silva Campos é lapidar, acusando Gerard van Krieken de ter “*injuriado e offendido gravemente*” a mulher, “*chamando-lhe os nomes mais insultuosos e espancando-a com toda a crueldade*”. Acrescenta que Van Krieken tinha “*praticado e está praticando adultério*”, ao mesmo tempo que alegadamente abandonara a mulher, “*não a consentindo no lar conjugal, e não lhe dando nada para seus alimentos, nem mesmo à filha Maria que vive com ella*”⁶⁴. Lembramos que, à época do processo de divórcio litigioso, Sofia van Krieken perfazia 23 anos, sendo já considerada maior de idade, mas Maria Jorge van Krieken tinha 17 anos. Como já referimos, o casamento de Gerard com Crispina é posterior ao nascimento de ambas. Ora, o dito casamento não foi precedido de qualquer escritura antenupcial. Crispina da Silva Campos ficaria, pois, economicamente desamparada depois de concretizado o divórcio que pretendia, sendo de notar que, como exposta da roda da Misericórdia de Lisboa, nem sequer tinha formalmente quaisquer parentes directos. Era, pois, crucial imputar culpa a Gerard van Krieken, deste modo permitindo sentença favorável e uma pensão de alimentos de valor suficiente. Aliás, nas alegações iniciais, o advogado de Crispina argumentava que Gerard tinha “*de seu, a casa em que vive, a qual valerá cinco mil escudos*”, estando então “*empregado na Escola Industrial Infante D. Henrique*”, onde alegadamente ganhava “*três escudos por dia*”, estando na sua posse “*também os móveis existentes na mesma casa*”, onde havia sido o domicílio conjugal, na Rua da Boa Nova, n.º 123. À época, Crispina morava na Rua de Cedofeita, n.º 491, com a filha mais nova, Maria Jorge, ao passo que Sofia residia com o pai; embora tudo indique que, precisamente por essa altura, Sofia tenha saído de casa, pois

⁶⁴ A.J.P., Varas Cíveis, Acção especial de divórcio, Crispina da Silva Campos, Gerard van Krieken, n.º 114079.

o advogado de Gerard van Krieken veio informar o tribunal que ela residia então “sobre si, na Rua do Almada”. O advogado de Crispina veio então solicitar ao tribunal a guarda de Maria, sublinhando que Gerard, “pelo seu porte”, nem sequer era “capaz de a educar bem e de lhe dar bons exemplos”⁶⁵.



FIGURA 48 · Retrato de Gerard van Krieken (gentileza de Jorge van Krieken).

⁶⁵ A.J.P., Varas Cíveis, Acção especial de divórcio, Crispina da Silva Campos, Gerard van Krieken, n.º 114079.

Numa primeira defesa face às acusações de Crispina da Silva Campos, o advogado de Gerard van Krieken contestou, referindo que a falta de escritura antenupcial prevendo dote para a sua mulher se devia ao facto de ele ter apenas “*pequenos meios de fortuna, unicamente ganhos pelo seu trabalho honesto*”, sendo esses meios que agora, alegadamente, a sua mulher queria “*explorar*”, apesar de “*a fortuna e proventos*” de Gerard estarem “*muito longe d’aquillo*” que o advogado de Crispina dizia existir. Na contestação da defesa, o advogado confirmou que, efectivamente, Crispina da Silva Campos havia “*tractado bem*” Gerard van Krieken, “*cumprindo os deveres de boa mulher de casa*”. Porém, isso alegadamente sucedera somente “*nos primeiros annos de cazados*”, pois, “*desde muito tempo, que já assim infelizmente não procede*”. Negando que tivesse “*practicado sevícias e injúrias graves*”, Gerard van Krieken sublinha então, através do seu advogado, que “*só uma vez, e há muitos annos n’um momento de exaltação e depois de gravemente injuriado e diffamado [por Crispina] lhe deu uma pequena bofetada*”. Na contestação da defesa, acrescenta-se ser “*inteiramente calumnioso*” que Gerard van Krieken vivesse “*em adultério*”. Ao invés, “*quem abandonou o lar conjugal*” havia sido alegadamente Crispina da Silva Campos, que “*arrastou consigo sua filha mais nova*”⁶⁶.

Tudo indica que os amores de Sofia, e eventualmente também os de Maria Jorge, terão sido importante factor de discórdia conjugal. O advogado de Gerard van Krieken menciona este aspecto como fundamentação para opor-se à entrega da guarda de Maria a Crispina da Silva Campos, dizendo: “*quando, contra tudo o que se espera, fôr decretado o divórcio, a filha Maria não poderá continuar em companhia [da mãe], para lhe não succeder a mesma desgraça que á sua filha mais velha*”⁶⁷. É possível, pois, que o abandono do lar conjugal por parte de Sofia, tenha tido sido motivado por questões amorosas. Aliás, há indícios de que tenha engravidado por essa época, apesar de nunca ter casado.

Replicando a contestação da defesa, o advogado de Crispina da Silva Campos indica que foi Gerard van Krieken quem “*poz fóra e expulsou do lar conjugal, tanto [Crispina] como a filha Maria; isto às 9 horas da noite do dia 13 de dezembro de 1915*”. Acrescenta que “*não foi essa a única vez*” que Gerard “*poz fóra*” de casa Crispina e a filha mais nova, Maria Jorge, pois “*já anteriormente tinha practicado o mesmo facto*”. Na réplica da acusação, lê-se ainda: “*se à filha mais velha Sofia, succedeu a desgraça de que falla a contestação, a principal culpa foi [de Gerard van Krieken], porque foi prevenido muito a tempo de que lhe podia vir a succeder essa desgraça, se elle não providenciasse de modo a evitál-a; e [Van Krieken] não se im-*

⁶⁶ A.J.P., Varas Cíveis, Acção especial de divórcio, Crispina da Silva Campos, Gerard van Krieken, n.º 114079.

⁶⁷ A.J.P., Varas Cíveis, Acção especial de divórcio, Crispina da Silva Campos, Gerard van Krieken, n.º 114079.

*portou com taes avisos*⁶⁸. Sem indicar especificamente qual era “desgraça”, o advogado de acusação rematava nestes termos: Crispina da Silva Campos “*nada mais podia fazer*” pois, “*se tal desgraça succedeu à filha Sofia, não foi no lar conjugal ou quando estava sob as vistas [da mãe], mas [sim] quando estava fóra e sem esta a poder vigiar*”⁶⁹.

Em resposta a esta réplica da acusação, o advogado de Gerard van Krieken contesta novamente, começando por dizer que foi Crispina quem abandonou o lar conjugal, na companhia de Maria, “*no dia 3 de Dezembro e não no dia 13, como erradamente diz, e pelas 12 para as 13 horas e não pelas nove da noite*”. Reafirmando que Crispina nunca fora expulsa de casa, acrescentava o advogado de defesa: “*esta é que por vezes o tem feito, preparando-se com antecipação para isso, pois tirava, sem conhecimento [do marido] diversos objectos de mobiliário que levava para as novas cazas para onde ia espontaneamente residir*”. Quanto à “desgraça” que sucedera à filha Sofia, o advogado de Gerard van Krieken afirmava ser “*completamente impossível*” ao réu, “*pelos seus negócios*”, poder “*de perto vigiar a sua filha Sophia, pois sahindo de manhã de caza, só voltava muitas vezes à noite quando terminavam os cursos de que é professor*”. O advogado de defesa entendia, pois, que quem tinha “*a principal culpa da desgraça d’esta sua filha Sophia*” era “*unicamente sua Mãe, que sahia muitas vezes de caza acompanhada somente da filha Maria, deixando aquella sozinha em quanto andava divertindo-se pelos theatros e cynematographos*”. Acrescentava Gerard van Krieken, através do advogado: “*não sabe se foi em caza, se fora, que a infelicidade de sua filha se deu; o que porém affirma é que [Crispina], se não protegia, pelo menos fechava os olhos aos amores d’aquela; e diz isto porque um dia ao entrar para sua caza, encontrou no portal um indivíduo, e tornando-se-lhe suspeito o cazo perguntou [a sua mulher] quem era e o que estava allí a fazer, respondendo-lhe ella ser um caixeiro que viera trazer umas encommendas da loja – o que era inteiramente falso*”⁷⁰. Note-se que Gerard van Krieken foi defendido no processo pelo causídico Miguel Maria Guimarães Pestana da Silva, portanto da mesma família para quem concebera os vitrais da capela do topo da Rua do Almada, indiciando que haveria grande proximidade do artista a esta família.

Em Julho de 1917, após a audição das testemunhas de ambas as partes e com o evoluir do processo, o advogado de Crispina da Silva Campos veio admitir que o adultério imputado a Gerard van Krieken “*não se provou*”. Apesar disso, o advogado insistia que tudo o resto deveria ser dado como provado e “*de um modo flagrante*”, alegando que “*as sevícias chegaram até ao requinte da malvadez*”, mencionando supostas “*pancadas e crueldade*”. Quanto às injúrias de que Gerard van Krieken se queixava, o

⁶⁸ A.J.P., Varas Cíveis, Acção especial de divórcio, Crispina da Silva Campos, Gerard van Krieken, n.º 114079.

⁶⁹ A.J.P., Varas Cíveis, Acção especial de divórcio, Crispina da Silva Campos, Gerard van Krieken, n.º 114079.

⁷⁰ A.J.P., Varas Cíveis, Acção especial de divórcio, Crispina da Silva Campos, Gerard van Krieken, n.º 114079.

advogado da sua mulher rematava nestes termos: “*nada admira que [Crispina], espancada barbaramente como era, e até posta muitas vezes fóra de casa, e mesmo durante a noite, se excedesse alguma vez nas questões que havia entre um e outro*”⁷¹.

Perante este argumento, a defesa de Gerard van Krieken, de que é então encarregado o advogado Alfredo de Moraes de Almeida, sustentou que “*o divórcio de modo nenhum deve ser decretado pelos fundamentos invocados*” por Crispina da Silva Campos. Argumentava aquele que, “*das testemunhas produzidas [pela autora do processo], as primeiras, de maior categoria, nada sabem, limitando-se a referir o que a mesma [Crispina] lhes havia contado, sem saberem o que havia de verdade a tal respeito; e as restantes testemunhas pouco crédito devem merecer, já pelas suas qualidades, já pela dependência em que estão [da autora]*”. Quanto ao invocado adultério de Gerard van Krieken, refere o advogado de defesa que “*nenhuma das testemunhas se atreveu a fazer-lhe a mais ligeira referencia*”. Ao invés, “*as testemunhas produzidas por parte do réu são todas pessoas da maior probidade e respeitabilidade, e livres de toda a suspeição*”, sendo estas “*unâнимes*” de que Crispina da Silva Campos “*dirigia*” ao marido “*as mais graves injúrias*” e “*os maiores insultos*”, sendo alguns deles “*mesmo anteriores às pretensas injúrias invocadas*” por Crispina⁷².

Atendendo a esta situação de irreconciliável conflito entre o casal, o divórcio foi declarado pelo Juiz de Direito da 1.^a Vara Cível, Aires Garrido, tendo transitado em julgado por sentença de 27 de Outubro de 1917. Como era habitual, a decisão foi logo depois publicada na imprensa⁷³.

Após divorciar-se, Gerard van Krieken vendeu a casa na Rua da Boa Nova onde vivera vários anos com a mulher, fixando residência em casa arrendada, com o número 361 da Rua de Santa Luzia, também no Porto. Foi nesta casa – e não em Lisboa, como tem sido até aqui geralmente referido – que Gerard van Krieken morreu, no dia 28 de Setembro de 1933.

A única filha que lhe sobreviveu foi Maria Jorge, à época conhecida como Maria Jorge van Krieken Mota, que em 1933 era já viúva, sendo funcionária da Câmara Municipal do Porto⁷⁴. De facto, Maria Jorge casara civilmente em 30 de Setembro de 1916 – precisamente no ano do processo de divórcio do seu pai. O noivo foi António

⁷¹ A.J.P., Varas Cíveis, Acção especial de divórcio, Crispina da Silva Campos, Gerard van Krieken, n.º 114079.

⁷² A.J.P., Varas Cíveis, Acção especial de divórcio, Crispina da Silva Campos, Gerard van Krieken, n.º 114079.

⁷³ Em concreto, nas páginas de *O Primeiro de Janeiro* e do *Jornal de Notícias*, a 16 de Novembro, bem como do *Diário do Governo*, a 17 de Novembro. Curiosamente, o edital respectivo alude ao escrivão Manuel Caetano de Oliveira, futuro vereador da Câmara Municipal do Porto, e ao solicitador Adolfo de Paiva Monteiro, pai de Adolfo Casais Monteiro.

⁷⁴ Já era funcionária municipal desde, pelo menos, 1925. Concretamente, prestava serviço na categoria de contínua, no Conservatório de Música da Câmara Municipal do Porto. Aposentou-se em 1941. Não tivemos oportunidade de consultar em detalhe o respectivo processo individual, cuja referência é: A.H.M.P., Cota: A-PUB/18447 (1-9) – A.PUB.18447(7).

Rodrigues dos Santos, que também usaria o apelido Mota e que viria a falecer a 28 de Dezembro de 1929. Deste casamento ainda hoje há geração. Maria Jorge van Krieken Mota esteve muitos anos viúva, pois faleceu no Porto a 2 de Maio de 1978⁷⁵.

Quanto a Sofia van Krieken, ela morreu ainda em vida do pai, possivelmente em 1930, e no estado de solteira. A 26 de Junho de 1924 Sofia teve uma filha, chamada Maria Helena van Krieken, a qual sobreviveu ao avô materno Gerard van Krieken. Não temos notícia de nenhum outro filho tido por Sofia, apesar das várias alusões, no processo de divórcio dos pais, à tal “desgraça” devida aos seus amores.

Os últimos anos de vida de Gerard van Krieken corresponderam a um período de doença prolongada. Em cartas trocadas com o Bispo de Leiria nos anos de 1931 e 1932, Gerard van Krieken alega o seu mau estado de saúde para justificar os atrasos no envio de desenhos para a basílica⁷⁶. A 17 de Julho de 1931 refere: “*Esse croquis tem demorado bastante por eu não me ter podido atirar a ele se não aos bocadinhos por estar ainda muito fraco, mas agora vou indo melhor e parece-me que desta vez esta lebre esta corrida*”. Em nova carta, datada de 31 de Agosto de 1931 escreve no mesmo sentido, dizendo: “*não posso, infelizmente, fazer já novo croquis por estar retido na cama por mais alguns dias. O patife do fígado a fazer das suas*”. Terá sido no seguimento de uma intervenção cirúrgica ao estômago realizada pelo Dr. Alberto Gonçalves (com clínica erguida pouco tempo antes na Avenida dos Aliados), que Gerard van Krieken faleceu. Tendo então em mãos as grandes obras de Fátima, foi substituído pelo arquitecto João Antunes, de Lisboa⁷⁷. Este era então conhecido pela reconstrução do Teatro do Ginásio, que realizou em 1923 – curiosamente, um edifício caracterizado pelos ornamentos em cimento moldado, tecnicamente semelhantes aos que Van Krieken realizou quando foi vivo.

O inventário feito após a morte de Gerard van Krieken teve, naturalmente, Maria Jorge van Krieken Mota como cabeça de casal⁷⁸. Ela vivia então na casa que fora morada do pai, na Rua de Santa Luzia, n.º 361⁷⁹ (na freguesia de Ramalde, junto ao limite norte da Quinta da Prelada), em zona, à época, ainda de características algo rurais. Maria Jorge estivera encarregada de cuidar do seu pai nos últimos meses de vida. No processo de inventário documentam-se várias despesas feitas por Maria Jorge, nomeadamente consultas médicas com o Dr. Augusto Rodrigues, serviços clínicos prestados pelo Dr. Pinto Leite, medicamentos adquiridos na Farmácia Cristo,

⁷⁵ A.D.P., Paróquia de Miragaia, Porto, Reconhecimentos e legitimações, 1911, n.º 1.

⁷⁶ DUARTE, Marco Daniel Carrola – *Fátima e a criação artística (1917-2007)*, p. 153.

⁷⁷ DUARTE, Marco Daniel Carrola – *Fátima e a criação artística (1917-2007)*, p. 73-74.

⁷⁸ A.J.P., Varas Civeis, Autos de Inventário Orfanológico, Gerard van Krieken, Maria Jorge van Krieken Mota, n.º 2087.

⁷⁹ No rosto do processo de inventário lê-se 371, mas será erro.

bem como artigos de mercearia e víveres diversos. No dito inventário vai-se ao detalhe de documentar o consumo de energia eléctrica, a renda da casa, e ainda os salários da criada Arminda Rosa de Jesus e do jardineiro Joaquim Leite⁸⁰.

A relação de bens sugere que Van Krieken viveu sem abundância, pois não há indícios de que tenha adquirido bens imóveis, ou de que o recheio da sua casa fosse propriamente faustoso. O conselho de família então formado por ordem judicial, de modo a tomar decisões referentes ao inventário e à herança, foi constituído por pessoas que seriam próximas do finado, mas não eram propriamente parentes: Olinto Ferreira Múaze, capitalista; Aquiles Ferreira Múaze, empregado comercial; Eduardo Marius van der Niepoort, comerciante e cônsul da Holanda; e Cristiano Brucher, comerciante. A estes nomes acresce o de Belgathe S. van Krieken, mencionada como viúva e professora. Note-se que esta tia de Gerard van Krieken morava então no Porto, na Rua das Valas.



FIGURA 49 - Retrato de Gerard van Krieken publicado num obituário na imprensa (gentileza de Jorge van Krieken).

⁸⁰ A.J.P., Varas Cíveis, Autos de Inventário Orfanológico, Gerard van Krieken, Maria Jorge van Krieken Mota, n.º 2087.

Gerard van Krieken foi sepultado no Cemitério de Agramonte, no Porto. O seu desaparecimento mereceu notícia em vários periódicos do Porto e de Fátima. A 3 de Dezembro, mais de dois meses após o falecimento, Júlio Brandão – amigo e colega da Escola Industrial Infante D. Henrique – escreve na primeira página de “O Primeiro de Janeiro” um longo texto em sua memória. Caracteriza-o como “*um artista verdadeiramente notável*”, acrescentando: “*Todo o Porto culto conheceu e admirou este homem alto, loiro, esbelto (...) que muito novo viera para Portugal ensinar arte ornamental e modelação nas escolas industriais, onde foi um grande mestre*”⁸¹. No seu texto, Júlio Brandão refere que Gerard van Krieken “*durante os últimos anos quasi se escondêra na sua casa do Monte dos Burgos, cuidando amorosamente do seu jardim, brincando com os netos, e trabalhando no Santuário de Fátima (...)*”. Comentando, diz mesmo: “*Parece que aborrecendo os homens, melancólico se refugiára na Arte, convivendo com crianças e flores*”. Refere ainda que “*Van Krieken era um gentleman sábio e franco, com uma rara penetração estética e uma maleabilidade extraordinária em coisas de Arte*”, sublinhando que “*como tinha viajado muito e visto com olhos sagazes, além dum artista excepcional era um conversador delicioso*”. Enquanto artista, Júlio Brandão opina então: “*Na iluminura ou na decoração suntuosa, na paisagem, na modelação que faz viver o barro, em trabalhos para mobiliário, ourivesaria, azulejos, e ainda em algumas construções que ali existem e que se salientam, porque realizam na edificação moderna o equilíbrio entre a comodidade, o bom gosto e a higiene – Van Krieken foi um artista de primeira plana*”. Ainda segundo Júlio Brandão, Van Krieken era entusiasta da ópera e gostava de cantar algumas peças. Homem viajado e com facilidade para aprender idiomas, em pouco tempo passara a falar fluentemente português⁸².

Neste contexto, apesar dos seus últimos anos de vida algo atribulados, e do facto de ter sido um homem discreto, que não logrou amealhar fortuna – o que seria difícil logo à partida, para um artista que era, antes de mais, um funcionário público – Gerard van Krieken assumiu posição de merecida importância nas artes e na cultura portuguesa do seu tempo. Era um artista completo, que tanto podia conceber e executar uma iluminura como projectar um edifício e respectivo espaço exterior. Pintava paisagens, modelava em gesso e barro, desde retratos a ornamentos para fachadas ou interiores. Concebia logótipos, móveis, ou peças de ourivesaria.

⁸¹ BRANDÃO, Júlio – “Recordando um artista”, in *O Primeiro de Janeiro*, 3 de Dezembro de 1933.

⁸² BRANDÃO, Júlio – “Recordando um artista”.

Desenhava para revistas, para painéis de azulejos, ou para vitrais. Além dos projectos e criações em diferentes escalas e materiais, cuja relação exaustiva está ainda muito longe de ser conhecida, teve profícua actividade como professor, estando também por apurar em que medida influenciou os artistas das gerações seguintes.